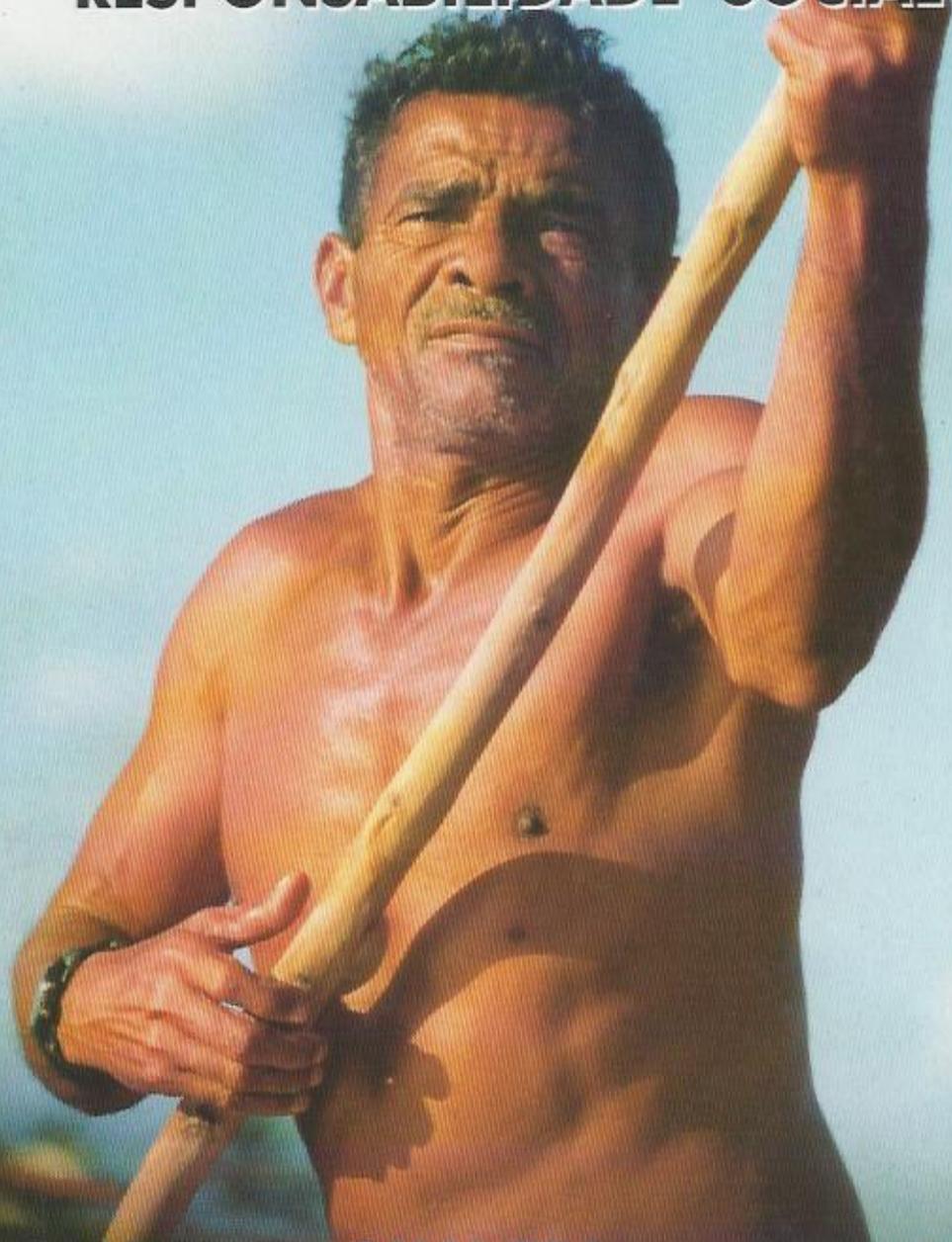


77

Uma publicação
da Associação
Palas Athena
ISSN 1413-893X

THOT

ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL



O OLHAR CURVO

EVANDRO
DE CASTRO
SANGUINETTO

QUAL ERA MESMO A "LEI DE GERSON"?

ANA CLAUDIA
GOYATTO

OS VALORES E A PAZ

SHRI
RAVINDRA VARMA

Índice



THOT é uma publicação da Associação Palas Athena do Brasil.

THOT nº 77 - maio/2002
tiragem: 3.000 exemplares
ISSN 1413-893x
R\$ 9,00

Editores: Basilio Pawlawicz, George Barcat, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli, Ubiratan D'Ambrosio.

Equipe THOT: José Flávio Rett, José Romão Trigo de Aguiar, Lúcia Benfatti Marques, Mara Novello Gerbelli, Nilton Almeida Silva, Paulina Berenstein.

Colaboradores: Cid Marcus Vasques, Daniela Moreau, Maria José Sesti Neves, Marly Mantasano, Roberto Ziemer, Suzete Carvalho, Thereza Cavalcanti Vasques.

Produção: Ademar Assoaka, Emilio Moufarrige, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria do Carmo de Oliveira, Maurício Zabolto, Sérgio Marques, Therezinha Siqueira Campos.

Impressão e distribuição: Gráfica e Editora Palas Athena
Rua Serra de Paracoina, 240
Cambucí - 01522-020
São Paulo - SP

tel. (11) 3209.6288
fax (11) 3277.8137

Jornalista responsável:
José Caruso Filho.

- 1 Editorial
- 4 O olhar curvo
Evandro de Castro Sanguineto
- 10 Qual era mesmo a "Lei de Gerson"?
Ana Claudia Govatto
- 14 A ética da vida
Edgard de Assis Carvalho
- 24 Educar na biologia do amor
Maria Cândida Moraes
- 31 Os valores e a paz
Shri Ravindra Varma
- 44 Ressentimento
Suzete Carvalho
- 54 O envelhecimento
Romano Guardini
- 63 Ética do acolhimento

As fotos publicadas nesta edição são do fotógrafo *Luiz Henrique Góes*.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números deve ser pedida à Associação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/75.

Associação Palas Athena do Brasil

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso
04003-010 - São Paulo - SP

Fone: (11) 3266.6188 Fax: (11) 287.8941
www.palassathena.org

Editorial

A Guerra Está em Nós – A ética é, entre outras acepções, uma área prática da filosofia social que aponta as normas a serem seguidas nas relações entre os diversos membros da sociedade.

Por outro lado, o título deste editorial corresponde ao de um dos livros do romancista brasileiro Marques Rebello, já falecido e hoje injustamente pouco lembrado. Trata-se de uma frase oportuna, pois, como mostra o estado atual das relações internacionais, a guerra está mais uma vez em exacerbação.

E não apenas isso. Quanto mais falamos de paz, mais a guerra recrudescer. O que mostra que, como sempre, recaímos na velha armadilha: falamos da guerra como se ela fosse algo que só ocorre fora de nossas mentes e corações; como uma conflagração que só vemos pela televisão ou pelos jornais; como se ela estivesse apenas fora, no exterior, bem distante de nosso espaço cotidiano.

No entanto, temos consciência de que não é assim. Sabemos que em nosso íntimo, em nossos recessos menos acessíveis, há uma região sombria; um lado que não gostamos de ver e sentir e que por isso costumamos projetar nos outros. A guerra está em nós, sim; ela não acontece só em consequência dos conflitos dos outros, nem está tão longe como gostaríamos.

Por essa razão, não devemos falar sobre guerra e paz como se elas estivessem separadas; como se não andassem sempre juntas; como se uma não estivesse sempre latente na outra. Não podemos nos esquecer de que a

guerra não deve apenas ser condenada; precisa ser também compreendida, para que possamos melhor evitá-la.

Se por ética entendemos, entre outras coisas, o conjunto das normas a serem observadas nas relações entre os membros de uma sociedade, é indispensável compreender que sua origem mais profunda está em nossas reflexões, em nossos autoquestionamentos – no diálogo interior. Assim, as ações éticas pressupõem a diminuição da resistência à mudança, que por sua vez inclui a tolerância. E aqui se aplica a máxima: para mudar o modo de agir, é preciso mudar o modo de falar; para mudar o modo de falar, é preciso mudar o modo de pensar; para mudar o modo de pensar, é preciso mudar o modo de sentir.

Eis o que mostram, cada qual à sua maneira, os textos que compõem esta edição.

OS EDITORES

O OLHAR
CURVO



**EVANDRO DE
CASTRO
SANGUINETTO**

Coordena o Projeto Semeador de Belezuras. Trabalha com Educação Ambiental e Social junto a crianças e adolescentes. Ministra oficinas de Sensibilização Sócio-Ambiental para adultos, principalmente professores.

O OLHAR CURVO



Estava na fazenda Ipanema e decidi sair para ver o céu. Fui pela estrada em direção à Portaria 2 e, longe das luzes do alojamento, parei o carro e desci. Céu limpo e estrelado: vi Escorpião, o Cruzeiro do Sul, Sírius. Algumas vezes saio a passeio com as crianças e adolescentes da fazenda. Naquela noite, Iara, uma garotinha de 10 anos, passava pela estrada com sua mãe. Pararam para perguntar se eu estava com problemas.

“Precisa de alguma coisa?” perguntou a mãe.

“Não, estou vendo o céu, que está muito bonito. Já vi várias estrelas cadentes.”

“Você está vendo o céu?”, perguntou ela, incrédula, com o vidro do carro aberto apenas alguns centímetros. “Moro aqui há sete anos e nunca parei para ver o céu. Podemos ficar com você?”

“Claro. Por favor.”

“Vou estacionar o carro.”

Assim, Iara e sua mãe me fizeram companhia. A conversa estava boa e ríamos bastante. Iara mostrou um anel que havia ganhado há pouco tempo: grande, de resina. Pedi o anel emprestado e brinquei de rastrear o céu em busca de estrelas cadentes.

As crianças nos levam ao mais profundo de nós mesmos. Virei-me para ela e disse:

“Olhe aquela montanha. O que vê?”

“Vejo a montanha.”

“E o que vê atrás da montanha?”

“Tá louco? Como vou ver atrás da montanha?”

“Se tivesse olhar curvo, veria.”

Olhar curvo. Mas de onde me veio isso? Acontece muitas vezes, ao conversar com crianças. Como o pensamento se torna não-linear (quando nos permitimos!), somos invadidos por *insights*, visões, ou como se queira chamar. Dessa região pouco explorada me veio naquele momento o olhar curvo, essencial para ver atrás das coisas.

“O que é olhar curvo?”

“Veja a montanha novamente. Está vendo a linha que a separa do céu? Pois vá subindo a encosta com o olhar. Ao chegar lá no alto (enquanto falava com Iara eu movia o braço, subindo, e depois virei bruscamente a mão para baixo), você faz uma curva com o olhar e vê o que há atrás da montanha. É fácil. Entendeu?”

“Entendi.”

A resposta foi tão rápida e incisiva que fiquei chocado. De onde teria vindo aquela minha idéia absurda? E como uma criança tinha compreendido tudo tão rapidamente? Percebi que me deparara com algo capaz de me trazer muita informação, talvez conhecimento. Continuei a brincadeira, mas algo já me dizia que eu iria me dar mal. Passados anos dessa experiência, ainda rio muito quando a recordo.

“Então, o que há atrás da montanha?”, perguntei.

“O outro lado da montanha!”, respondeu ela. “Agora eu quero ver se você tem olhar curvo. Me diga: o que há atrás da montanha?”

O outro lado da montanha: claro como cristal. Resisti um pouco, a princípio. Era muito simples a resposta. Eu mesmo não a sabia, e uma fedelha me dizia logo de cara uma coisa dessas. O que há atrás da montanha? O outro lado da montanha. É tão simples e lógico! Mas eu já estava na condição de aprendiz e continuei a brincadeira. Como já conhecia o lugar, por ter estado várias vezes em suas trilhas, resolvi responder com pompa e circunstância, contente por saber mais do que a menina:

“Do outro lado da montanha há uma estrada, outros morros, mata.”

“Pois é... há o outro lado da montanha!”

Lógico. Cristalino como água. Como eu não havia pensado nisso antes? Atrás da montanha fica o outro lado da montanha. É isso que vê o olhar curvo, o outro lado das coisas. Mas eu não sabia disso ainda. Foi um aprendizado duro.

“Agora é minha vez”, disse Iara. “O que há do outro lado do carro?”

Olhei e sabia que era um barranco. E via, através do vidro, um poste. Orgulhoso e convencido respondi:

“Um barranco, um poste e grama.”

“Não!”, cortou ela. “Atrás do carro há o outro lado do carro.”

E completou:

“Você não tem olhar curvo.”

Fui ferido de morte. Meu Deus, socorro! Quis ensinar alguma coisa e aprendi muito mais. Fui prepotente com uma criança e me dei mal. Mas aprendi minha lição: como adulto, o que me ensinaram foi apenas o olhar reto – aquele por meio do qual a gente busca o que há depois daquilo que se observa. Olha-se através do vidro, mas nunca o vidro, o outro lado dele.

Ninguém me ensinara o olhar curvo, aquele que percebe o outro lado das coisas, percebe o vidro e não o que há depois, o outro lado do próprio vidro. O *insight* que eu tivera me levava a aprender o que desconhecia. As crianças conhecem coisas que desconhecemos. E desaprendem, com os adultos, o que é essencial.

Semanas depois conheci Laís, 10 anos, filha de uma amiga, Miriam. Veio com a mãe, a irmã Luíza e o primo Tomás, dormir na fazenda. À noite, fomos passear até o antigo cemitério dos protestantes. Fiz um caminho que atravessava uma área de mata e pinheiros à direita de quem desce, a partir dos alojamentos. A partir do meio desse caminho, uma trilha por entre a mata leva até uma pequena nascente. Fomos todos até lá.

Ao chegar, ficamos um pouco calados, ouvindo o murmurar do ribeirão que brotava um ou dois metros à nossa frente, descendo um pequeno barranco. A lua estava clara e sua luz penetrava a mata. Tive outro *insight* e me afastei um pouco, como se houvesse alguém querendo entrar na roda.

“O que foi?”, perguntaram.

“Um amigo. Johan. Ele está aqui.”

“Há mais alguém aqui?”

“Sim, o Johan.”

“E quem é ele?”

“Ele estava por aqui e se aproximou quando chegamos.”

Eu realmente sentia uma presença e dei-lhe aquele nome. Disse que era amigo, mas estava um pouco triste. Ninguém disse mais nada e fiquei surpreso. Queria continuar a brincadeira, mas não me deram ouvidos.

Quando saímos da mata, Laís perguntou por Johan e percebi que a presença dele já não nos acompanhava. Senti que ele ficara perto da nascente.

“Você sempre o vê?”, perguntou Laís.

“Não, apenas senti que estava lá.”

“E por que não veio conosco?”

“Porque está um pouco triste e preferiu ficar com sua tristeza até se recuperar. Ele é músico e canta a sua dor.”

“Eu sou poeta”, disse Laís. “Minha mãe leu minha poesia pra vocês. Você se lembra?”

“Não sei. Diga-a para que eu fique sabendo.”

Laís disse o seu poema. Conversamos mais um pouco e, já próximo do alojamento, perguntei-lhe se conhecia o olhar curvo. Ela disse que não.

“Venha comigo”, falei.

Próximo ao alojamento, de um local em que se via a montanha, eu disse:

“Olhe a montanha. O que há atrás dela?”

“Como vou saber?”

“Usando o olhar curvo, claro.”

“E o que é olhar curvo?”

Eu já sabia, mas era inevitável. Ia me dar mal outra vez.

“Vê a montanha? Então... Seu olhar vai subindo pela encosta e, quando chega ao topo, faz uma curva para baixo para ver o que existe atrás dela. Compreendeu?”

“Não.”

“Oba”, pensei, “com essa vai ser diferente: vou ensinar alguma coisa a ela. Eu sou o máximo!”

Expliquei novamente o que era o olhar curvo, falei do que Iara me mostrara do carro. Havia também uma cabine de força ali perto, com geradores e transformadores. Falei que o olhar curvo me permitia “ver” que havia nela uma porta, talvez uma janela. Disse que depois de olhar a gente vai conferir. Com o tempo o olhar vai melhorando e conseguimos ver o que está do outro lado das coisas.

Ela pensou um pouco e logo entendeu.

“Aquele casa ali, por exemplo”, disse. “Olhando daqui, a gente vê que ela tem janela e parede. Com o olhar curvo eu vejo o outro lado da casa, aquilo que pertence à casa. Aí, dou a volta e sei que ela tem janela e porta – ou pode não ter”.

Era isso mesmo. O olhar curvo serve para ver o outro lado das coisas, o lado que é próprio daquilo que se vê, mas que se mantém oculto para quem vê apenas com o olhar reto.

“Com o treino, ficamos sabendo o que há do outro lado daquilo que se vê”, falei.

“Mas com gente já não dá. As pessoas são únicas e não dá pra saber o que há do outro lado delas.”

“Dá, sim. É só treinar mais. Vendo os olhos de uma pessoa com o olhar curvo, chega-se até o coração. É lá que se vê o outro lado dela.

Mas o que era que eu estava falando? Não tinha pensado em nada daquilo! Era tudo novidade. Estava novamente como observador de mim mesmo e aprendia com o que pensava estar ensinando.

“Mas é difícil”, disse ela.

“Mas com treino dá para ver. Com o olhar curvo a gente vê os olhos e enxerga o coração.”

THOT



~ Ninguém me ensinara o olhar curvo, aquele que percebe o outro lado das coisas, percebe o vidro e não o que há depois, o outro lado do próprio vidro. O *insight* que eu tivera me levaria a aprender o que desconhecia. As crianças conhecem coisas que desconhecemos. E desaprendem, com os adultos, o que é essencial.

~

ANA CLAUDIA GOVATTO

É publicitária especialista em marketing. Diretora de Planejamento e Negócios da M. Govatto Marketing Social e professora universitária.

QUAL ERA MESMO A "LEI DE GERSON"?



Nos últimos anos, venho notando nas pessoas uma nova maneira de pensar. Falar sobre ética não é mais demagogia. Notaram como a ética vem sendo defendida e, principalmente, praticada? Segundo o Dicionário Aurélio "ética é o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana, do ponto de vista do bem e do mal", o que significa que ser ético é compreender a diferença entre o bem e o mal e aplicar o aprendizado. A ética deve ser entendida como uma conduta individual pautada pelo bem, que interfere diretamente na conduta coletiva, tendo o exemplo como base da disseminação de novos comportamentos.

O que se vê hoje no país é o processo de mudança de comportamento. A cada dia vêm-se mais e mais pessoas defendendo a ética em diversas esferas: social, econômica, política, educacional, empresarial e mercadológica. O mais interessante é que até há algum tempo ética era um assunto piegas, no mínimo desacreditado. A ética foi banalizada quando passou a fazer parte da oratória de políticos irresponsáveis, que com seus discursos – nada éticos – queriam convencer a todos com a falsa honestidade. Esse é pior dos exemplos que se pode dar.

Na década de 70, uma certa marca de cigarros e seu garoto propaganda ficaram famosos pelo que veicularam. Quem tem

mais de 30 anos lembra-se bem do *slogan* "Pra quem gosta de levar vantagem em tudo, certo?" A campanha publicitária foi a grande responsável pela "promulgação" da "Lei de Gerson", a lei dos que não medem esforços para conseguir o que querem, seja lá como for.

O próprio Gerson, grande craque de futebol, declarou inúmeras vezes, nas últimas décadas, que se arrependeu por ter protagonizado tal campanha. Ele não sabia que a verdade brasileira, representada na peça publicitária, ganharia tamanha notoriedade. Por quase 30 anos essa foi a maior representação do comportamento brasileiro. O Brasil, um país de "gente boa e alegre", era pouco ético. Felizmente, isso vem mudando rápido. Muito rápido. Rapidamente, a ponto de virar tema de encontros empresariais.

Acredito que estamos caminhando a passos largos. Em vários setores, prega-se (e pratica-se) ética. Empresas adotam manuais e destinam investimentos e esforços bastante representativos, com vistas a uma conduta coletiva mais correta, capaz de contagiar funcionários, familiares, consumidores, fornecedores e comunidades. Os principais executivos vêm servindo de exemplo para seus funcionários. Assistindo a uma palestra sobre ética empresarial, ouvi do principal executivo de uma empresa multinacional a seguinte frase: "Quando somos convidados a participar de uma concorrência, primeiramente procuramos saber se os métodos adotados são pautados pela ética. Se não for essa a premissa, declinamos do convite". Olhei rapidamente para a platéia à procura de algum sinal de ironia em algum rosto. Felizmente, só encontrei pessoas assentindo com a cabeça.

Até há algum tempo, uma declaração como essa era tida como "demagógica e irreal" (onde já se viu deixar de ganhar dinheiro só porque é preciso fazer alguns acordos preliminares?). Conheço muitos empresários que simplesmente deixam suas empresas bem longe de órgãos públicos, devido à falta de credibilidade dos processos de compra. E eles estão certos. Conheço também excelentes profissionais que estão insatisfeitos por **ainda** estarem trabalhando em empresas e órgãos antiéticos. Eles se queixam da "hipocrisia empresarial". Tenho certeza de que o inconformismo os beneficiará.

Creio que o bom exemplo é capaz de modificar comportamentos. Acredito na força empresarial para transformar condutas, porque, assim como o executivo citado, outros vêm provando que ética e lucro caminham juntos. Essa é a fala do verdadeiro líder. A crescente discussão sobre ética e sua efetiva adoção está fazendo com que o país seja visto com outros olhos. Traçar planos balizados pela ética é proporcionar transformações sociais e caminhar rumo a um País mais justo e socialmente responsável. Ética é premissa, ponto de partida. A ética concede o poder legítimo, alcançado pelos bons exemplos. E a “Lei de Gerson”, para felicidade de seu protagonista e do país, vai ficando cada vez mais esquecida, graças à prática da conduta ética. E esta sim é muito vantajosa, **certo?** **THOT**

Artigo publicado no jornal Valor Econômico de 03/01/2001 e no site VoxNews - dezembro/2000 e janeiro-fevereiro/2001.

ÉTICA NA VIDA

O que se vê hoje no país é o processo de mudança de comportamento. A cada dia vêm-se mais e mais pessoas defendendo a ética em diversas esferas: social, econômica, política, educacional, empresarial e mercadológica. O mais interessante é que até há algum tempo ética era um assunto piegas, no mínimo desacreditado.



EDGARD DE ASSIS CARVALHO

É antropólogo, pesquisador na área de complexidade e professor da PUC, São Paulo.

A ÉTICA DA VIDA



O que mais irrita os tiranos é a impossibilidade de porem a ferros também o pensamento.

Paul Valéry

A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.

Machado de Assis

A construção de uma ética para o futuro demandará um esforço de proporções incomensuráveis, e reunirá todos aqueles que acreditam nas forças de conjunção, fraternizam e universalizam. Será preciso, certamente, exercitar a futurologia. Mas não, obviamente, a futurologia entendida como uma forma de irracionalismo, e sim como um modo de entendimento. Uma ecologia cognitiva, que torne possível estabelecer um horizonte prospectivo para a vida, as idéias e a cultura planetárias, nestes tempos sombrios de globalizações técnicas e ressurgimentos étnicos exterminadores.

Hans Jonas, em seu livro *Para uma Ética do Futuro*, afirmou a necessidade de duas tarefas preliminares, a serem levadas a cabo por todos os humanos que investem energia libidinal na utopia de um mundo menos antropocêntrico. A primeira é a maximização do conhecimento das conseqüências de todos os nossos agires, dada a agonia planetária que acomete a todos nós. A segunda, a elaboração de uma forma de conhecimento

transdisciplinar, que seja capaz de conjugar saberes factuais e saberes axiomáticos.

Para isso, a fabricação do real teria de se pautar pela combinação do intelecto com a emoção, do necessário e do contingente, da harmonia e do caos. Essa modalidade renovada de consciência coletiva, destituída de qualquer intenção prometética, seria saturada de *complexus*, ou seja, de agires e fazeres que rejuntariam tudo aquilo que a disjunção cartesiana se incumbiu de separar no plano físico, metafísico e metapolítico. Qualquer sistema vivo passaria, então, a ser entendido como um sistema incompleto, indeterminado, irreversível, sempre marcado pela auto-organização que combina, descombina e recombina a ordem, a desordem, a reorganização.

Mas é evidente que se estabelece um abismo entre o fato e o axioma, ainda mais quando nos defrontamos com a proposição de uma ética da solidariedade transnacional, articulada a uma ética dos direitos individuais. É conveniente lembrar que ética (em grego, *ethos*) significa a morada humana, a casa comum, a Terra-Pátria-Mátria, que clama por um projeto de sustentabilidade, uma *política de civilização* que seja capaz de reintegrar o cosmos, a matéria, a vida, o homem.

O problema não é novo na cultura política. Sabemos, desde Freud, que o obstáculo maior a uma antropolítica civilizatória plena é sempre a hostilidade primária, que joga homens contra homens numa onda crescente de violência. Nela, as paixões instintivas individuais pesam mais que qualquer tentativa de promover um modelo de homem que expresse a realização concreta do humanismo – necessidade que impregna as idéias de Edgar Morin desde os anos 70.

Nessa espiral de pulsões humanas, saturadas de agressão e autodestruição, comandada pelos “novos senhores do mundo”, uma elite poliforme, que engloba os quadros da tecnociência, da tecnoburocracia nacional e internacional, financistas, patrões dos meios de comunicação, redes de traficantes transnacionais, além de estrelas de TV, esporte e moda, dirigentes mercadológicos de seitas religiosas, a dominação da natureza foi levada a um extremo de proporções incontroladas.

Por extensão, o extermínio de outros homens – e por que não dizer? – de nações e do próprio planeta, passou a ser

entendido de forma naturalizada. Se, já em 1929, quando Freud escreveu *O Mal-Estar da Civilização*, essa advertência contra a barbárie ressoava forte sobre os destinos da Europa, hoje, tantos anos mais tarde, ela se revela mais atual do que nunca.

O que se constata é o congelamento da condição humana num cinismo narcísico e numa indiferença programada, que acaba produzindo imagens de autodefesa, de tal ordem que o que passa a importar é uma hipervalorização da segurança doméstica, em todas as dimensões que a expressão possa conter.

Com isso, forja-se um consentimento, velado ou não, diante do conjunto das *políticas do mal*, perpetradas por sistemas totalitários, e mesmo democráticos. Para estes, a geopolítica se reduz a uma territorialidade diabólica, capitaneada por essa invenção europeia que é o Estado-Nação, com seus códigos, suas práticas e suas instituições, que se incumbem de atualizar o mito do pertencimento e da comunidade de destino.

Pode até parecer paradoxal que toda essa religiosidade do Estado-Nação ainda seja muito forte, nestes tempos de desterritorialização dos fluxos do capital e das riquezas. Conforme deixa claro o filósofo político Samir Naïr, o mito nacional transcende qualquer objetividade ou materialidade, mesmo que a mundialização do liberalismo subverta os fundamentos confessionais de soberania, expressos na identidade simbólica territorial.

A expressão é cercada de ambigüidade, porque põe o diabo dentro de casa, travestido de anjo anunciador de novas esperanças e mensagens. Ou seja, carrega consigo uma abertura para o universal e um fechamento para o particular regressivo, assim como uma inclusão pelos mecanismos perversos do mercado. Acrescente-se uma exclusão multiforme pelo desemprego, pela fome, pela miséria, pela incultura.

Apesar de tudo isso, o planeta, longe de ser um sistema global, ou de se consumir numa nova ordem mundial, comporta-se como um turbilhão em movimento desprovido de um centro organizador, cuja hegemonia é sempre provisória, constitutivo de um mundo policêntrico, incerto, caótico e frágil. Talvez seja possível utopizar uma ética civilizatória entendida

como nova filosofia pública; uma polifonia de valores e culturas, constantemente retro-alimentada pela dialogia entre ciência e tradição, entre imaginário e real, entre subjetividade e objetividade, entre Oriente e Ocidente.

Essa dialogia, pautada por uma espécie de ética da tolerância prática, terá de propor uma nova coalizão de culturas, que não seja capitaneada pelo pogressismo tecnológico do Ocidente, fundado no antropocentrismo contido nas múltiplas formas de dominação da natureza. Essa coalizão deverá estar fundada numa perspectiva ecocêntrica (do grego *oikos*, lar), para a qual o lar/Terra, ou o meio ambiente planetário, será a baliza a partir da qual se poderá – e se deverá – pensar a relação homem/natureza, homem/mundo, como unidualidade permanente e necessária.

Mas o conceito de tolerância é igualmente ambíguo, dada a própria etimologia da palavra. Tolerar pode significar sofrer, suportar pacientemente, assim como denotar a ação de erguer, de ter vigor para enfrentar dificuldades. Seu advento e reconhecimento como paz civil e garantia contra a injustiça foi obra de filósofos liderados por Diderot, Rousseau e, principalmente, por Voltaire. Seu *Tratado sobre a Tolerância*, escrito em 1763, expressa de modo soberbo a tensão humana entre a tolerância e o fanatismo, entre culturas que se pretendem equivalentes e identidades que se objetivam na tirania e na violência mimética.

Se o espaço da tolerância pode abrigar a afirmação e o reconhecimento do outro, desde que ele permaneça em condição subalterna e não colida com o núcleo central das idealidades sociopolíticas – como prega a perversidade relativista e diferencialista –, ele também pode significar abertura para novas conexões, estilos societários e processos de transformação cultural.

Talvez o conteúdo básico da ética de tolerância precise investir mais na interdependência, na não-linearidade, na realimentação, na cooperação e na parceria das culturas planetárias. Mesmo que se discorde de posições que apontam a Ásia como o palco privilegiado das ações geo-sócio-políticas do século 21 – e isso porque lá a modernização soube articular tecnologia ocidental e filosofia oriental –, é possível prever que uma ética de tolerância intercivilizatória, formada a partir da conjunção das

tradições orientais e ocidentais, venha a ser, finalmente, capaz de combinar mundialização e diversidade cultural. Ou, em outras palavras, perceber que a diferença tem a ver com a complexidade da rede Terra, integrante da teia geral da vida. Fixar-se obstinadamente no diferencialismo é abstrair-se do fluxo geral da vida, é colocar-se nas fronteiras da tribo para transfigurar o outro em simplesmente outro.

Fritjof Capra, em seu último livro *A Teia da Vida*, sustenta que qualquer comunidade ecológica diversificada é elástica e não estática. Esse é o papel que a diversidade étnica e cultural poderia vir a desempenhar: o de abrir-se para o mundo, de tornar-se tolerante consigo mesma e com os outros, reciclando-se constantemente em direção à construção de uma *consciência cívica terrestre*. Ou seja, a consciência de habitar, com todas as extraordinárias diversidades individuais e culturais, uma mesma esfera humana.

O pensamento complexo opera na reconciliação do universal e do singular, da parte e do todo e na ótica macroscópica do todo, levando em conta o jogo de suas interdependências e de sua evolução no tempo e no espaço. Para que essa base cognitiva se torne factível, será preciso efetivar duas refundações prioritárias: a do homem e a do pensamento.

Mas o que significa refundar o homem? Em primeiro lugar, é preciso ter humildade. Jung, em 1928, afirmava que essa humildade implicava reconhecer que se hoje *o homem moderno está no ápice, amanhã estará superado*. Resultante de uma evolução antiqüíssima, ele é a pior desilusão de todas as esperanças da humanidade. Esse mesmo homem sabe muito bem que a ciência, a técnica e a organização podem ser uma bênção; mas sabe também que podem ser catastróficas.

Setenta e quatro anos depois, essas ponderações soam mais que oportunas, pois esse homem, que desde a Idade Média perdeu todas as certezas metafísicas, está lançado no manancial das incertezas e das dissipações, mesmo que cercado de seguranças materializadas e esperanças virtualizadas. Embriagado pelo tempo real, tenta equilibrar-se no espaço multiforme do conflito em que se movem construção e destruição, assim como as “forças de civilização”, que associam e religam, e as “forças de barbárie”, que deslocam e dissociam.

Talvez caiba aqui uma distinção fundamental, feita por Lévi-Strauss para a cultura. Para ele, há duas constelações estruturais básicas: as culturas antropofágicas, que introjetam, absorvem e devoram, e as culturas antropeômicas, que vomitam, ejetam, expulsam. A cultura contemporânea soube, como ninguém, cometer um crime perfeito, ao realizar a síntese mais radical dessas duas culturas, síntese essa representada pelas formas mais avançadas de integração e por fluxos infinitos de expulsão. A feliz expressão de Jean Baudrillard revela-se apropriada para designar uma outra "morte do homem", dessa vez decretada pela hiper-realidade das máquinas: "No lugar da morte, a eternidade do *chip*, no lugar do corpo, a plástica das partes, no lugar de cada um, a clonagem das células".¹

Desde Jung, portanto, percebe-se que a consciência deveria voltar-se para o homem, em sua realidade mais interna e subjetiva, para, a partir daí, identificar as fontes do mal que atingem, indistintamente, a todos nós. O homem ocidental construiu um mundo tão centrado em si próprio que não consegue objetivar-se verdadeiramente como um *sapiens-demens*, simultaneamente sábio e louco.

Para nos referirmos, mais uma vez, às assertivas de Morin, o ser humano vive mais uma vida prosaica, submersa na racionalidade utilitária e maquinica, do que uma vida poética explicitada no amor, na sabedoria, na meditação, no êxtase e nas explosões imaginais. Para concordar com a metáfora de Leonardo Boff sobre o ser humano, diremos que o homem atual é mais uma galinha, confinada em seu espaço territorial, ciscando aqui e ali sua ração cultural, do que uma águia, que voa para o indeterminado até confundir-se com o azul do firmamento. A condição humana nos impele à multiplicidade, ao mesmo tempo que nos aprisiona na perplexidade narcísica do ego.

O Ocidente, que para Oswald Spengler estaria condenado à decadência inevitável, porque submetido à Segunda Lei da termodinâmica, soube redirecionar sua história material, deixando de lado o mundo da psique e da alma. Não criou um neo-homem, como não criará um neo-socialismo ou uma neocultura, como acreditam alguns. Consagrou, isso sim, o homem dualista, que nunca rejunta prosa e poesia, que nunca consegue ser, simultaneamente, galinha e águia, que não

concede espaço para seus demônios, suas vozes interiores e superiores.

Mas as contracorrentes, que estão aí para quem quiser ver, criticar e descrer, que rejeitam qualquer idolatria de mão única, e que se situam nas dissipações dessa mesma história material, pretensamente unidimensional e eterna, indicam que a esperança não morreu. Indicam que a utopia não é a expressão de um *topos* negativo e, muito menos, o mundo prometico no qual as necessidades gerais estariam plenamente satisfeitas. A utopia possível, e passível de realização, implica uma *política de civilização*, fundada numa *ética cívica planetária* que abra espaço para a complexidade da criatividade humana.

Para isso, é imperioso praticar a auto-ética como uma espécie de arte articulada à ética política, construída a partir de seis idéias-guia que, para Morin, são fundamentais para a "restauração do sujeito responsável": a ética do religamento, a ética do debate, a ética da compreensão, a ética da magnanimidade, a ética da resistência e a incitação às boas vontades.

Em meu entender, esse ideário pode ser concebido como um arquétipo, ou seja, uma forma irrepresentável e inconsciente, que sempre existiu mas que perdeu sua capacidade de influenciar os comportamentos humanos. Como força energética, ele precisa se re-sincronizar, readquirir a voz, manifestar-se como fenômeno cognitivo, fazer jus à natureza psicóide do arquétipo que aponta para o *unus mundus* (o mundo unitário).

Essa síntese unitária e macroscópica conformará, certamente, o homem simbiótico, na direção proposta por Jöel de Rosnay: um ser universalmente singular, que deverá acionar uma responsabilidade coletiva generalizada e realizar uma simbiose societal que respeite o homem, a vida e a liberdade planetárias. A esse metaponto de vista eu gostaria de acrescentar a idéia do homem sinérgico, que aposta na cooperação, na convivialidade, na criatividade e na sincronicidade para o projeto do humanismo, da responsabilidade e da consciência de pertencimento à Terra-Pátria.

Como bem ressaltou Ilya Prigogine, o homem vive sempre duas experiências: a da *repetição*, que propicia as construções dos determinismos desde Newton, e a da *criatividade* da arte,

da literatura, do imaginário, que reinventam o mundo no oceano da ordem/desordem/reorganização. Talvez ainda haja tempo de promover uma *revolução radical*, capaz de superar o dualismo entre matéria e vida; que nos capacite a enfrentar a propagação do conformismo que o liberalismo tecnomidiático está nos legando, e, assim, reapropriar o sujeito como multiplicidade e unidade de um trajeto antropológico, cujo fim permanecerá sempre desconhecido e indeterminado.

Para tanto, a reforma do pensamento em si talvez não seja mais suficiente. O que se deve exercitar na vida e nas idéias é o pensamento radical, essa feliz expressão criada por Baudrillard para se referir a um itinerário que se situa “no cruzamento do sentido e do não-sentido, da verdade e da não-verdade, da continuidade do mundo e da continuidade do nada”.

O pensamento radical não é absolutamente depressivo, mas antes dionisíaco, aberto, polifônico. Em vez de concentrar conceitos e idéias numa infra-estrutura tácita, dispersa-os numa miríade de jogos de linguagem, que ultrapassam os encadeamentos do sujeito, do verbo e do objeto, para instaurar uma percepção erótica da realidade, certamente metafórica.

Esse erotismo figurado reside na promoção do comércio clandestino das idéias, como o da bebida na década de 1930 nos EUA. E isso porque o ato de pensar tornou-se proibido e proibitivo, algo a ser cultivado em lugares secretos e esotéricos – as chamadas *cidadelas do conhecimento*.

É forçoso reconhecer que o “mercado oficial do pensamento” tornou-se corrompido e cúmplice da proibição do pensamento que a cultura dominante pretende impor a todos, porque aqueles que detêm o monopólio dos saberes encastelaram-se em seus espaços de vigilância, narcisismo e punição, obcecados por avaliações, verbas, siglas e prebendas.

Trata-se de algo incestuoso, porque permanece válido apenas nos circuitos da cretinização universitária e midiática. Não proibiu o incesto; não é cultura; não é mais pensamento, linguagem, imaginação e nem mesmo existe. Nesse mundo que assiste impunemente, a cada dia, a realidade escapar-lhe das mãos, a regra absoluta do pensamento radical talvez seja mesmo a de tornar o mundo cada vez mais ininteligível, como assevera Baudrillard.

Mas é justamente dessa ininteligibilidade, aparentemente caótica e desorganizada, que poderá brotar uma outra fabricação do real, uma ética da vida que seja capaz de assumir a complexidade que cerca a aventura humana, em todas as suas dimensões e contravenções.

De minha parte, prefiro reter, como uma espécie de reserva cognitiva criadora, as palavras contidas na narrativa fantástica de Doistoiévski intitulada *O Sonho de um Homem Ridículo*, escrita em 1877, com as quais encerro este texto:

Ama a Humanidade como a ti mesmo! Isso é tudo e nada mais é preciso; saberás depois como hás de viver. E, além disso, só há uma verdade... uma verdade antiga, antiqüíssima, mas que é preciso repetir uma e mil vezes, e que até agora não se arraigou em nossos corações. O conhecimento da vida está acima da vida; o conhecimento da lei da felicidade... está acima da própria felicidade... Eis aí aquilo contra que se deve lutar. E eu lutarei contra isso! Se todos quisessem, tudo mudaria sobre a Terra num momento.

Um cérebro criativo é capaz de transfigurar lindamente a vida, a natureza e a humanidade.

Charles Chaplin

THOT

NOTA

1. BAUDRILLARD, Jean. *Le Crime Parfait*. Paris: Galilée, 1994.

Este texto foi apresentado ao Primeiro Congresso Inter-Latino Para o Pensamento Complexo, promovido pela Association Pour La Pensée Complexe/UNESP/Fundação Calouste Gulbenkian/ Instituto do Pluralismo Cultural/Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, em setembro de 1988.

O pensamento complexo opera na reconciliação do universal e do singular, da parte e do todo e na ótica macroscópica do todo, levando em conta o jogo de suas interdependências e de sua evolução no tempo e no espaço. Para que essa base cognitiva se torne factível, será preciso efetivar duas refunções prioritárias: a do homem e a do pensamento.



**MARIA
CÂNDIDA
MORAES**

É professora
da PUC,
São Paulo.

EDUCAR NA BIOLOGIA DO AMOR



Sob o ponto de vista da autopoiese¹ – teoria criada por Humberto Maturana –, o que é educar? O que é aprender? Qual é o papel dos professores? Qual é a missão da escola? O que queremos com a educação?

Sob o olhar autopoietico, educar é um fenômeno biológico fundamental, que envolve todas as dimensões do viver humano em total integração do corpo com o espírito. Quando isso não ocorre – observam Maturana e Sima Nisis de Rezepka –, produz-se alienação e perda do sentido social e individual do viver. Educar é enriquecer a capacidade de ação e reflexão de quem aprende. Educar é desenvolver-se em parceria; é desenvolver-se, enfim, na biologia do amor. Esta, como dizem os autores citados, nos mostra que o ser vivo é uma unidade dinâmica de Ser e Fazer.

A educação é um processo de transformação na convivência, no qual o aprendiz se transforma junto com professores e colegas, com quem convive em seu espaço educacional, tanto em relação à consciência quanto ao inconsciente. É a partir da convivência que as dimensões do Ser e do Fazer se modulam mutuamente, junto com o emocionar. A cada momento, elas vão influenciando as ações e os comportamentos dos que aprendem.

Segundo Maturana, são as emoções que modelam o funcionamento da inteligência e abrem ou fecham os caminhos

para possíveis consensos, a serem estabelecidos em nossa vida cotidiana. Esse autor exemplifica dizendo que a inveja, o medo, a ambição e a competição restringem a conduta inteligente, porque estreitam a visão e a atenção. Para ele, só o amor amplia a visão na aceitação de si mesmo e do outro, a partir das condições em que se vive e se expandem as possibilidades de ações mais inteligentes.

É no processo de transformação pela convivência que o ser humano se conserva – ou não – em sua humanidade. O mesmo ocorre durante o processo educacional, no qual nos transformamos de modo espontâneo, congruentes com a transformação do outro no espaço de convivência. Segundo essa teoria, o que nos torna humanos é o fato de vivermos como seres “*linguageantes*”, cooperativos e amorosos, com autoconsciência, consciência social, auto-respeito e respeito pelos outros.

De acordo com Maturana e Sima Nisis de Rezepka, nossa humanidade não estaria associada apenas à dimensão constitucional. Liga-se também à nossa maneira de viver e conviver, ao modo de ser, cujo desenvolvimento depende da formação recebida durante a infância, das relações desenvolvidas no período de formação com os adultos e com as outras crianças.

A educação acontece de maneira recíproca e contínua. Surge a partir da transformação de nossas estruturas contingentes com o viver e o conviver. Isso determinaria, em grande parte, nossa trajetória presente e futura. Por essa razão, Maturana compreende que a educação é um processo de transformação na convivência, por meio do qual o ser que aprende se conserva em sua humanidade ou se perde no devir da história, a partir de sua formação.

Do ponto de vista autopoietico, aprender implica transformar-se em coerência com o emocionar. Resulta de uma história de interações recorrentes, na qual dois ou mais sistemas interagem. Sabemos que um indivíduo aprendeu algo, quando ele percebe que sua conduta é outra; mudou com o mundo ao criar o seu mundo, ao mesmo tempo em que mantém a sua organização.

É pela biologia do amor – por meio da qual aceitamos legitimidade do outro – que a tarefa educativa se deve realizar

e, assim, dar prioridade à formação do Ser. Seu foco principal volta-se para o Fazer. Assim, a educação deveria corrigir mais o Fazer e não diretamente o Ser. Sempre que possível, o aprendiz deve ser convidado à reflexão, para que possa desenvolver sua autonomia, criatividade e capacidade crítica. Ao proceder assim, abríamos um espaço sem fronteiras, acolhendo-o em sua legitimidade.

Ao tentar corrigir o Ser – isto é, ao dizer ao indivíduo como ele deveria ser ou deixar de ser –, estaríamos, segundo Maturana, negando o outro, destruindo nele a aceitação de si mesmo e a auto-estima. Ao negá-lo, ao minar-lhe a auto-estima e o auto-respeito, ao criticar suas realizações e comportamentos – ao exercer sobre ele um controle contínuo, enfim –, nossa falta de sensibilidade para conviver restringe-lhe a inteligência.

Se criado num ambiente de negação e destruição, o aluno poderá, na vida adulta, mostrar mais dificuldades para viver na biologia do amor e na intimidade, aspectos fundamentais para uma convivência social e familiar saudável. Vivendo e convivendo na biologia do amor, o indivíduo desenvolve respeito a si mesmo e aos demais, além de uma consciência social ampliada. É por meio do amor, da aceitação do outro, que se amplia a inteligência e se expande o pensamento.

Para que o espaço educacional inclua tais ampliações – e também a da criatividade –, recomenda-se avaliar o seu Fazer, já que este implica o Ser.

De certa forma, isso nos indica que o espaço educacional deve ser acolhedor, amoroso e não competitivo; precisa ser um ambiente em que se avalie e se corrija o Fazer, em contínuo diálogo com o Ser. Ao corrigir o Fazer, estaremos, de modo indireto, modificando também o Ser, dada a dinâmica estrutural existente entre eles. Lembremos que, segundo Maturana, o ser vivo é uma unidade dinâmica relacional de Ser e Fazer.

Segundo Maturana e Nisis, a tarefa escolar, sob o ponto de vista autopoietico, consiste em “criar condições que levem o aprendiz a ampliar sua capacidade de ação e reflexão no mundo em que vive, de modo a contribuir para a sua conservação e transformação de maneira responsável, em coerência com a comunidade e o entorno cultural a que pertence”. Para tanto, os ambientes educacionais devem constituir-se em espaços de

ação e reflexão, ambas fundadas na emoção. Convém lembrar que, de acordo com Maturana e Nisis, a reflexão é também um ato de desapego, se admitirmos que aquilo que pensamos, desejamos, analisamos e fazemos pode ser pensado, desejado, analisado, observado, refutado ou construído de maneira diferente a partir de um olhar mais reflexivo.

É importante lembrar que, por meio da abordagem reflexiva da prática pedagógica, mudamos a estrutura de nossa corporalidade segundo o curso das emoções, pensamento e conteúdos das conversações desenvolvidas em nossas reflexões. Assim, os processos de comunicação vão se estabelecendo, configurando os diferentes domínios de nossa existência. Sempre segundo os nossos autores, todas essas transformações estruturais dependem de nossos valores, desejos e aspirações.

Cabe portanto aos professores preparar o espaço escolar ou os ambientes de aprendizagem e transformá-los em espaços de ação, reflexão e convivência. Dessa forma, eles podem possibilitar o Fazer e o conviver, e neles os alunos e professores poderão vir a ser, tendo como ponto de partida uma educação fundada na biologia do amor. Ou, nas palavras de Maturana e Nisis: "No encanto do ver, do ouvir, do cheirar, do tocar e do refletir, descobrindo o que há na mirada que abarca o seu entorno e os situa de maneira adequada".

Assim, coerente com sua proposta, Maturana assinala que não devemos "ensinar valores", mas vivê-los desde a biologia do amor, cultivá-los em nossa corporalidade, a partir do respeito a si mesmo, que surge no viver e conviver em respeito mútuo. Da mesma forma, não deveríamos nos preocupar em desenvolver indivíduos úteis à sua comunidade, pessoas responsáveis e preparadas para o futuro do trabalho. Esses aspectos deveriam resultar, de modo natural, da própria formação. Trata-se de um ponto importante, que merece uma reflexão profunda.

À luz dessa teoria, compete aos docentes criar as condições operacionais necessárias para que os aprendizes fluam na biologia do amor, eduquem-se mutuamente, aceitem sua corporalidade. Pois, para Maturana e Nisis, "negar o corpo é negar a alma, e o contato com a alma do outro é contato com o corpo, mesmo que este pareça ser abstrato".

Para isso, é necessária uma convivência harmoniosa e sadia, capaz de ampliar ou mudar a capacidade de ação e reflexão das pessoas, de modo a que elas possam tomar consciência de seu emocional, sem perder o respeito por si mesmas e pelos outros. Sem auto-aceitação e auto-respeito, é impossível aceitar e respeitar o outro; e sem aceitá-lo como um legítimo outro de convivência não há sobrevivência social.

Essa teoria inspira, então, algumas perguntas. Como posso me aceitar e me respeitar, se não aprendi a respeitar meus erros e a tratá-los como legítimas oportunidades de crescimento e mudança? Como posso me respeitar, se sempre sofro punições, castigos, quando me equívoco? Como posso ter auto-respeito, se o valor do que faço é medido pela referência do que faz o outro em competição comigo? Como posso me auto-respeitar, se o que faço não é avaliado pela seriedade, compromisso e responsabilidade de minhas ações?

Estas devem ser algumas das questões e preocupações da ação do educador, sob o ponto de vista autopoético. Elas nos indicam que a tarefa docente é a formação humana dos aprendizes, na qual os conteúdos são apenas veículos relacionais de consecução. O mais importante é que a educação seja capaz de criar condições que permitam a cada um ser um cidadão sério, responsável e, sobretudo, feliz.

Observa-se, então, que segundo essa teoria educar não é um ato transmissivo, mas criativo, construtivo e transformador. É o que afirma o professor Saturnino de la Torre, da Universidade de Barcelona. Tudo isso requer um modelo de formação integral que nos leve a – para usar o neologismo desse autor – *sentirpensar*, já que a razão se fundamenta na emoção e ambas estão ligadas de modo intrínseco.

Assim, acreditamos que uma nova proposta educacional deva ir além da ação/reflexão. Deve incluir também o coração, o *sentipensamento* de Torre. Corresponde à integração do sentir e do pensar, que permitirá ao professor educar visando a restauração da inteireza, e colaborar para a construção do ser humano como um templo de totalidade, no qual pensamento, emoções e sentimentos estão em constante diálogo. E o Ser se apresentará belo, justo, saudável e sagrado. Educar

para o *sentirpensar* é educar no caminho do amor, da inteireza e da sabedoria; é educar o outro na justiça e na solidariedade.

Educar para *sentirpensar* é tentar formar na unicidade; é educar na biologia do amor, reconhecendo que a emoção é a base da razão, como diz Maturana. Consiste em educar não só para o desenvolvimento das inteligências e do pensamento, mas sobretudo para a evolução da consciência e do espírito. É, ainda, educar sem reprimir ou negar a experiência da comunhão, do coração, do espírito e do sagrado – reprimidas durante séculos, em nome de algo que no mundo moderno chamamos de ciência.

Acreditamos que educar para o *sentirpensar* ajudará a refazer a aliança entre o racional e a natureza sintética da inteligência intuitiva, contemplativa e integradora. E, ao mesmo tempo, colaborar para o desenvolvimento do pensamento interdisciplinar e transdisciplinar. É, ainda, ajudar a religar a sensação à intuição, o sentimento ao pensamento, o intelecto ao espírito. Desse modo se favorecerá a evolução do pensamento, das inteligências e da consciência, de forma recursiva, em acoplamento estrutural e interdependência.

O *sentirpensar* tem condições de produzir a prática da integralidade e da integridade, da escuta inclusiva e da ênfase no cuidar do Ser a partir de um Fazer mais coerente com o pensamento e o sentimento. Por meio do *sentirpensar*, desenvolveremos as competências necessárias e a formação em torno de uma antropologia da globalidade, cada dia mais necessária. Educar para a formação do ser integral é ajudar o indivíduo a encontrar o seu centro, a descobrir a virtude que, segundo Buda, está no centro. Educar sob o ponto de vista global é a forma de nós, educadores, fazermos justiça ao todo que somos, e nos lembrarmos de que necessitamos, mais do que nunca, conspirar a favor da natureza humana, para que possamos ser felizes em nossa humanidade.

THOT

NOTA

1. Poesis é uma palavra grega que significa "produção". "Autopoiése" significa autoprodução. Sistema autopoietico é aquele que produz a si mesmo, utilizando para isso a energia vinda do meio ambiente. A cicatrização de uma ferida ou a consolidação de uma fratura são exemplos de processos autopoieticos. A medula dos ossos é um sistema hematopoietico, isto é, reproduz as células vermelhas do sangue (hemácias) à medida que elas se desgastam e são destruídas. O organismo humano, bem como o de todos os seres vivos, é um sistema autopoietico.

Assim, acreditamos que uma nova proposta educacional deva ir além da ação/reflexão. Deve incluir também o coração, o *sentipensamento* de Torre. ... E o Ser se apresentará belo, justo, saudável e sagrado. Educar para o *sentirpensar* é educar no caminho do amor, da inteireza e da sabedoria; é educar o outro na justiça e na solidariedade.



**SHRI
RAVINDRA
VARMA**

É presidente da
Gandhi Peace
Foundation,
Nova Delhi,
Índia.

OS VALORES E A PAZ



Caros amigos, estou muito feliz por esta oportunidade de encontrá-los. Sei que vocês estão empenhados num trabalho que considero fundamental e muito desafiador. Já que todos são professores, tentei aprender algo antes de lhes falar. Pedi à minha amiga Lia Diskin que me contasse algo sobre o que estão fazendo.

Não sei se posso dizer que sou bom aluno. Pode ser que não tenha absorvido tudo o que deveria, mas quis muito vir encontrá-los, porque estou empenhado no mesmo tipo de trabalho. Tenho me dedicado a ele por muitas décadas. Isso não significa que eu seja ligado a instituições de ensino, mas os problemas que vocês estão enfrentando – e a missão que têm a cumprir – estão muito próximos dos meus objetivos e visão.

Disseram-me que vocês estão preocupados com a paz e a aprendizagem dos valores. Como sabem, tive o privilégio de estar com o Mahatma Gandhi e aprender com seus discursos e palestras. Sei que ele estava igualmente preocupado com a paz e os valores, e também com a educação. Sendo um homem de paz, acreditava que esta é essencial para a realização da personalidade humana.

Quando falamos sobre paz, precisamos pensar em dois aspectos. Um é que ela deve viver em nós, e o outro é que devemos ser seus agentes, trazendo-a para a nossa sociedade. Vocês bem sabem que não é suficiente desejar a paz: temos de trabalhar por ela.

Todos falam de paz, e há muitas declarações de intenção sobre como fazer com que ela aconteça. Contudo, apesar dessas afirmações, ainda estamos longe de alcançá-la. Por quê? Uma das razões – que quero submeter a vocês – é que não

percebemos a existência da necessidade de um esforço contínuo, árduo, persistente, incansável, para atingir a paz dentro de nós; para que sejamos instrumentos aptos a buscá-la fora de nós. Uma das coisas que quero sublinhar, desde o princípio, é a necessidade desse esforço persistente. Qual a relação entre a paz que está dentro de nós e a que nos é externa?

Nos dois casos, a educação constitui um caminho fundamental. Pode-se dizer que ela ocupa um lugar de destaque, sempre que falamos de nosso relacionamento com o entorno social. Mas qual é o papel desempenhado pela educação, na tarefa de levar a paz ao nosso mundo interior? O simples desejo, nesse caso, não leva à realização. Quando tentamos olhar para dentro de nós mesmos, percebemos ali muitos elementos: coisas que controlamos, que têm repercussões no mundo externo, muitos aspectos que levam a constante incerteza.

A incerteza é um terreno muito fértil para a inquietação, a agressão, o desespero, e tende a eclipsar o silêncio e a paz da mente. Será que o processo de atingir a paz fora de nós é muito diferente do necessário para atingir a interior?

Como buscar a paz interior? Em primeiro lugar, voltando nosso olhar para dentro. Se ficarmos o tempo todo com a atenção dirigida para fora, jamais saberemos o que vai dentro de nós. Aprendemos muitas coisas na vida, mas em geral não aprendemos a olhar para dentro.

É sempre uma grande tentação: sentimos muita atração pelo mundo externo, e geralmente não olhamos para dentro. Queremos entender os outros sem compreender a nós mesmos. Entretanto, se olharmos para dentro, será mais fácil perceber e compreender as causas da agressividade e da inquietação. Os desejos, a não-realização, o ego, a mágoa, o orgulho, o sentimento de separação e a vontade de protegê-lo, a ânsia de buscar aquilo que consideramos ser o nosso interesse – por todos esses meios a paz interna nos escapa.

Como lidar com os fatores que dificultam a paz? Por meio da compreensão, do controle dos processos que nos habilitam a sobrepujar aquilo que nos tenta e leva ao conflito.

Vejam se os meios para o estabelecimento da paz fora de nós são muito diferentes. Assim como o treinamento da mente é uma forma de educá-la, queremos usar a educação para

possibilitar que os outros desenvolvam qualidades que os levem a sobrepujar a desarmonia.

A principal preocupação de Gandhi era criar uma nova sociedade e um novo ser humano. Todos estão insatisfeitos com o estado atual da sociedade. Como, então, operar essa transformação? Às vezes, pensamos que a transformação é uma aniquilação: se quisermos nos transformar, devemos nos aniquilar. Só posso me transformar se perceber que há forças negativas dentro de mim, forças que posso sobrepujar.

Se confundirmos esses elementos negativos com outros, que constituem o palco da negatividade, jamais poderemos transformar a mente. Acreditamos que devemos criar uma sociedade não-violenta. Não sei se vocês descreveriam a não-violência com um valor. A meu ver, ela é um grande valor e também muito necessário, porque quando falamos em não-violência visamos toda a humanidade. Se tenho o direito de estar livre do impacto da não-violência, livre de ser vítima dela, os outros também o têm.

Algumas pessoas acham que é negativo falar em não-violência, porque a expressão começa com um “não”, e isso pode parecer negativo em algumas situações. Gandhi explicou por que escolheu essa expressão: explicou que “não-violência” não exprimia tudo que ele queria dizer, e que a expressão completa podia ser encontrada na palavra “amor”.

Essa é uma palavra abrangente, positiva, que deveria ser incondicional. Ao mesmo tempo, porém, se você disser que pratica o amor pode ficar difícil definir qual a conduta que melhor condiz com ele. Por exemplo, amor não é indulgência. Também não é aquele apego que dificulta o seu empenho em sobrepujar as paixões que o debilitam. Para Gandhi, “amor” inclui a responsabilidade de resistir.

Às vezes, as pessoas acham que essas duas coisas não combinam; pensam que elas são contraditórias. Como se pode amar e resistir ao mesmo tempo? Gandhi dizia que é preciso resistir quando a pessoa que você ama está fazendo algo errado, indefensável, algo que pode prejudicá-la e à sociedade. Nesse caso, não se deve cooperar com essa ação equivocada. Portanto, às vezes surgem dificuldades para definir a conduta a adotar, quando se quer amar e resistir ao mesmo tempo.

Não-violência significa não ferir. Talvez seja mais fácil definir o que é ferir e o que não é. Não ferir significa desistir de causar dor ou dano. Quando digo “ferir”, às vezes pode ser difícil saber se eu o machuquei ou não. Não estamos falando somente de ferir fisicamente, pois o ser humano não é apenas o corpo.

Seria até acertado dizer que existem elementos do ser humano que são mais importantes que o corpo. Por favor, não pensem que estou diminuindo a importância do corpo; aliás, ninguém abre mão facilmente dele. No entanto, causar dano à mente de uma pessoa é um ferimento mais fundo, implica mais consequências do que uma ferida corporal.

Como vocês sabem, a mente é uma entidade muito complexa. Ao sentir-se agredida, ela pode reagir de muitas formas. Não se cultiva uma ferida corporal, mas muitas vezes alimentamos um ferimento mental. Você pode achar que alguém machucou sua mente, seu ego, seu conceito de dignidade, e então reage de forma negativa e continua agindo assim.

Nesse caso, é mais difícil remover o sentimento de lesão mental do que eliminar a sensação de ferida física, porque aquela é alimentada, é regada todos os dias. Toda vez que você vê a pessoa que o feriu, pensa: “Ah! essa pessoa me magoou. Como reajo a isso? Retaliando? Vingando-me? Devo seguir o exemplo de alguém muito importante, de uma nação super-poderosa? O que fazer?”

A agressão mental tem um efeito muito mais duradouro. É muito mais difícil lidar com a lesão mental do que com a física, pois trata-se de um ciclo. Quando alguém me fere mentalmente, surge em meu espírito a idéia de querer “dar um jeito” nessa pessoa – isso para dizer o mínimo. E logo a idéia de retribuir causando dor surge em minhas fantasias. Acredito, nesse momento, que tal é a melhor forma de ajustar as contas com ela.

Não sei se no Brasil é assim, mas no meu país quando uma criança está correndo em volta de uma mesa e se choca com ela, o que a mãe em geral faz é dar um tapa na mesa. Logo depois, a criança pára de chorar e pensa, “ah, fui vingado”. Já vi crianças caindo no chão, machucando-se e chorando, e mães batendo no chão e dizendo: “Pronto, agora está tudo bem”.

Portanto, desde cedo pomos na cabeça das crianças que justiça significa retaliação. E assim elas começam a pensar que o melhor modo de acertar contas é causar dor aos outros. Cria-se então um círculo vicioso. Buda disse que não há fogo mais feroz que a raiva: ele queima não só a outra pessoa, mas também a quem a sente. No círculo vicioso da retaliação, ferimos a nós mesmos na esperança de ferir o outro e isso se perpetua.

Se você quiser acabar com esse tipo de ação, se quiser curar a mente dessa tendência, terá de transformá-la. Para tanto, perceberá que é preciso mudança e não aniquilação. Não é necessário destruir a si mesmo. Você deve distinguir entre a má ação e quem a praticou. Verá então que é possível pôr um fim ao mal sem acabar com a pessoa. Não sei se alguém é capaz de pensar que o melhor modo de curar alguém é matando-o. Na Índia, há um ditado: "A cirurgia foi um grande sucesso, a não ser pelo fato de que o paciente morreu".

O que estou tentando dizer é que só é possível curar, corrigir, fazendo a distinção entre o erro e a pessoa que o cometeu. Se você quiser seguir o caminho da aniquilação, não é preciso estabelecer essa diferença. Desse modo, acreditará que ao eliminar o praticante do mal estará acabando com este. Portanto, se quisermos criar uma sociedade não-violenta, uma sociedade pacífica, há muitas coisas que precisamos gerar e inculcar em nós mesmos e nos outros.

O amor é necessário acima de tudo, porque somos interdependentes. Temos de aceitar nossa falibilidade, o que é muito difícil de fazer – ao menos na minha idade. Talvez por minha falta de força, eu gostaria de escapar de minha falibilidade.

É também necessário o compromisso de buscar a verdade. Isto é: não nos apegarmos ao que afirmamos, mas ao que provou ser verdadeiro. Certa vez, Gandhi foi acusado de ser incoerente e respondeu: "Estou preocupado em ser coerente com a verdade, não com o que disse ontem; pois se descobrir que o que disse antes não se sustenta diante de provas ou evidências racionais e lógicas, devo abrir mão do que falei. Se eu mantiver aquilo que disse há dez anos, mesmo diante de provas em contrário, se insistir em dizer que a afirmação passada é válida, estarei sendo coerente com a cronologia, não com a verdade".

Durante séculos, a humanidade foi vítima de muita lavagem cerebral. Falo dos sentimentos de justiça pela retaliação, que foram gerados em nós. Ao mesmo tempo, também nos é constantemente dito que a melhor forma de adquirir excelência é por meio da competição. Também nos foi afirmado, por alguns filósofos europeus, que o homem mostra seu melhor desempenho quando em guerra. Assim, vamos à guerra em busca de excelência.

Num certo sentido, o que se fala da guerra é aplicável à competição. Competição também é guerra. Fala-se de competição perfeita e competição imperfeita. Os estudantes de economia estão familiarizados com esse conceito. Se você compete, compete para chegar ao topo. Não se compete pensando: "Vou chegar ao terceiro lugar e depois deixo de competir". Se você é um engenheiro e está na guerra, não dirá: "Vou destruir 51% do meu inimigo e depois paro".

Talvez o futuro próximo nos ensine novas lições. Mas hoje, quando falamos em fazer a guerra até o fim, em competir para chegar em primeiro lugar, há nisso tudo um elemento que insensibiliza a nossa mente para as conseqüências em relação a ela própria e à sociedade.

Se o amor é a lei das espécies, será que a competição pode conduzir a ele? Será que a competição é coerente com o amor? Será que ela não é reflexo do sentimento de separação, de que não temos nada a ver com o outro?

Devemos repensar a questão do papel da competitividade na aquisição da excelência. Será que ela não produz efeitos nocivos?

Estamos falando de educação. Se quisermos inculcar esses valores – talvez a palavra "inculcar" seja imprópria –, torná-los conscientes, talvez haja conseqüências em relação aos métodos de ensino, ao conteúdo da educação, à pedagogia e, acima de tudo, à natureza do professor.

Algumas vezes, dizemos que a palavra "ensinar" não é a mais adequada e procuramos outra. Talvez fosse melhor falar em despertar na mente das pessoas um modo de pensar, de estudar, de entender.

Não sei se podemos ensinar valores, mesmo utilizando o mais rico dos vocabulários. Pode parecer que estamos fazendo

um sermão, pregando o que nós mesmos não praticamos. E então nossa credibilidade será reavaliada, o que só leva ao ceticismo por parte dos alunos. Podemos dizer que, embora não os pratiquemos, certos ideais são válidos e por isso os apresentamos aos alunos. Mas muitos de nós sequer têm a humildade de começar assim, e conquistar a credibilidade por meio da sinceridade.

Acredito que, nesse contexto, o professor é muito importante. A educação à distância tem um papel a cumprir, é inegável. Contudo, quando se trata de apresentar valores, não é o vocabulário e sim a vibração que importa. É preciso reconhecer que há coisas que não podem ser ensinadas por meio de argumentos.

É claro que os professores e seus modos de vida são muito importantes. Mas será que eles trabalham sobre si próprios? Será que conseguiram superar as causas da inquietação, falta de paz, tensão e conflito em suas mentes? Se não o fizeram, não serão eficazes e os alunos têm o direito de questioná-los. Esse é um ponto essencial. É preciso, portanto, introspecção. É necessária a reeducação de nós mesmos, se é que queremos utilizar a educação como um caminho para a paz.

PERGUNTAS

QUESTIONADOR – Como falar de amor de forma eficaz neste mundo competitivo, sem soarmos falso?

VARMA – A crescente percepção da interdependência é um grande incentivo, um estímulo eficaz para desenvolver o amor ao próximo. Quando as pessoas pensam que não dependem dos outros, que podem conquistar o que quiserem sozinhas, que não precisam de ninguém para conseguir excelência e um bom padrão de vida, etc., podem pensar que são totalmente independentes e que não há por que se preocupar com os outros. Quando adquirimos a percepção da interdependência, compreendemos que o amor é necessário.

É estranho que tenhamos de perguntar se o amor é necessário. Muitas vezes penso nas crianças de rua, que sofrem todo tipo de privação. De todas, a maior miséria é a falta de amor.

Tento imaginar a mim mesmo numa situação semelhante. Eu ficaria desorientado, sem um chão sobre o qual me apoiar. Que tipo de trauma, além das carências físicas, isso pode ocasionar?

Muitos já chamaram nossa atenção para esse ponto. O Dalai Lama, por exemplo, mostrou que os seres humanos não podem viver sem amor. Desde o momento em que nascemos, até depois de caminharmos um milhão de passos, ainda buscamos o amor. Quando nascemos, precisamos do amor de nossa mãe e de todos; não se pode crescer sem amor. Quando estamos perto da morte, queremos estar cercados por aqueles que nos amam, não pelos que nos odeiam. Essa é uma necessidade humana básica; para viver e crescer, precisamos do amor.

No entanto, criamos o sentimento de separação e com ele o sentimento de que somos independentes: não tenho nada a ver com você, nem sequer lhe devo um cumprimento; no máximo, pergunto-lhe se vai chover. E assim acabamos por não ficar muito tempo juntos. Falamos sobre o tempo, mas não sobre outros assuntos. Quanto mais percebermos que o amor é essencial, que a interdependência é algo que não podemos ignorar, tanto mais perceberemos o quanto é ilógico, insustentável e equivocado o senso de separação, a vida em compartimentos herméticos que criamos.

Não tenho dúvida de que estamos cada vez mais conscientes da interdependência. Vejam, por exemplo, o que nos ensinam os ambientalistas. Cada vez mais pessoas vêm percebendo que o que eu faço afeta você, porque influi no meio ambiente. Se uso objetos de plástico, ou se libero substâncias tóxicas no ar – e assim por diante –, haverá conseqüências para todos. A ciência nos mostrou que somos interdependentes. Quanto mais compreendermos isso, mais desaparecerá o desgosto que sentimos em relação aos outros e a tendência a vê-los como competidores.

Já ouvi dizer – e já vi com meus próprios olhos – que, quando há fogo na floresta, todos os animais fogem e esquecem temporariamente suas rivalidades instintivas. Ao fugir, eles cooperam uns com os outros. Acredito que à medida que caminhamos para o futuro e nos conscientizamos mais e mais, todos chegaremos ao sentimento de interdependência.

Acrescentaria ainda algo da tradição hindu. Fala-se frequentemente em compreender o outro pela similaridade, e também da possibilidade de perceber a identidade do outro. Fala-se em entender o outro como a nós mesmos. Há mesmo um verso que diz: "Quando você começa a se ver no outro, e vice-versa, não há sensação de diferença". Isso não é difícil. Quero dizer, do ponto de vista mental não é nada difícil. Quando eu e você estamos em constante interação – o "inter-ser", como dizem os budistas –, a compreensão é fácil. O difícil é atingir um nível em que tudo isso passe a correr dentro de nossas veias. Entretanto, quando começamos a ver os outros em nós e nós neles, de quem então nos afastamos?

QUESTIONADOR – Li, num texto de Sri Aurobindo, uma referência à natureza como mantenedora de seu equilíbrio. Em relação aos recentes acontecimentos de 11 de setembro, não poderíamos ver neles também uma ação da natureza tentando restabelecer o equilíbrio entre os povos?

VARMA – Não sei se tenho competência para responder a essa pergunta, mas tentarei pensar nela com base em meu conhecimento e experiência, por mais limitados que sejam.

Não apenas cientistas, mas todos os pensadores espirituais falaram em causa e efeito. Alguns sustentam que Deus é a origem da causa e do efeito. Outros acham que não é preciso supor a existência divina para entender essa idéia.

Tudo que acontece tem seus impactos em muitos indivíduos, em muitas mentes, muitas nações, e até na própria natureza. Outros fatos vão se agregar a estes, causando novos efeitos. Se você quiser dar um passo adiante, e dizer que a natureza restaura seu equilíbrio, teremos de nos perguntar se ela tem uma mente e uma vontade próprias. Se você não pressupõe que aquilo que chamamos de natureza tem uma mente e uma vontade próprias, terá então de voltar à questão da causa e efeito. E assim, mesmo que se queira falar na natureza como mantenedora de seu equilíbrio, seria como dizer que ela está lá fora, tentando restaurá-lo.

Contudo, se dissermos que há um elemento automático de causa e efeito, que age e reage e, portanto, restaura o equilíbrio natural, isso é diferente de afirmar que a natureza recupera o

seu equilíbrio. A lei da natureza é a de causa e efeito. Você pode, portanto, dizer que nesse caso uma lei natural está sendo cumprida.

Alguns elementos têm consciência, gozam do poder de escolha consciente, outros não a têm, tal como a entendemos. Há uma combinação de ambos nessa situação, e por isso podemos dizer que eles agem e interagem.

Há outra idéia que eu gostaria de lembrar, já que você se referiu a Sri Aurobindo. A tradição hindu fala de *darma*. O que é *darma*? Não existe uma palavra que, sozinha, possa traduzir o significado desse termo, que é comum ao budismo, ao jainismo e ao hinduísmo. Ele comporta muitas interpretações e é usado em muitos contextos. Entretanto, de forma bastante simples, podemos defini-lo como o poder que mantém as coisas juntas.

Os componentes existem. Não há nada que não tenha partes. Até o tempo pode ser subdividido. O espaço também pode ser decomposto. As pessoas podem ser divididas em átomos, partículas. Mas há uma força que mantém esses componentes juntos, dando a impressão temporária de uma só entidade.

As três religiões às quais me referi aceitam a impermanência. Tudo é impermanente. Heráclito disse que não se pode entrar no mesmo rio duas vezes. Portanto, também os gregos acreditavam que tudo é um fluxo constante. Se tudo é mutável, se nada é definitivo, não há existência inerente. Mas o conceito de *darma* significa que as partes dispersas estão reunidas por uma força que lhes empresta uma forma temporária, que nos permite conhecê-las como entidades distintas. É uma questão de formação, desintegração, e nova formação, e de reconhecer uma entidade como temporária, parcial, mutável, mas que, apesar disso, se comporta como uma para fins práticos.

Vocês conhecem as forças centrífuga e centrípeta. Se muitos componentes estão reunidos e a força centrífuga (de desintegração) aumenta, a entidade composta se desintegrará e se transformará. Portanto, a força que reúne, que agrega, se denomina *darma*; e a que leva à desintegração é chamada *adarma* – antítese de *darma*.

Quando a força centrífuga se torna mais forte, dizemos que há uma transformação. Então, a entidade deixa de ser

reconhecida como aquilo que era antes. Assim, embora Sri Aurobindo não fale exatamente com estas palavras, o conceito é o mesmo. Podemos dizer que há uma restauração automática, um re-equilíbrio, ao menos numa certa medida.

Também é verdade que a restauração pode não ser um restabelecimento do *status quo* (caberia lembrar aqui a idéia de tese e antítese, de Marx). É muito provável que não se trate do estado anterior. Haverá, porém, uma restauração numa situação flexível, numa atmosfera dinâmica. No entanto, eu hesitaria em usar as palavras que você usou.

QUESTIONADOR – A vida de Gandhi foi pautada pelo princípio da simplicidade. A educação de hoje oferece a possibilidade de aquisição de grande volume de informações. Gostaria de saber como o educador pode trabalhar, no sentido de não cair na “inapetência” da aquisição, nem se deixar envolver pela quantidade de solicitações que os meios de comunicação oferecem hoje aos jovens, às crianças, às pessoas em geral. Como trabalhar a simplicidade, sem cair na incapacidade de aquisição nem na sua extrapolação?

VARMA – Acho que quando falamos, hoje em dia, sobre as facilidades que temos para adquirir conhecimento e propagá-lo, deveríamos saber usar melhor os meios para essa aquisição. Entretanto, o conhecimento não precisa necessariamente nos fazer desejar o luxo, levar-nos a multiplicar nossas vontades e desejos.

Qual é a simplicidade que Gandhi queria? Primeiramente, ele desejava que todos nós lembrássemos sempre de que condições materiais são apenas meios. A vida nos permite buscar grandes ideais, grandes propósitos. Não somos como os outros animais. Temos essa capacidade especial, única, e não ficamos satisfeitos apenas por comer e beber. Queremos usar tal capacidade para atingir algo. Temos um objetivo, um propósito à altura da espécie humana. Se é assim, o que nos importa não é perseguir aquilo que nos acrescenta em termos de prazer, de conforto. Usamos essas condições materiais para buscar nossos propósitos.

Em segundo lugar, quanto mais se tem mais difícil é a satisfação. Jamais conseguimos a saciedade cedendo aos desejos. Se você quer comer doces e nunca consegue se saciar, mesmo

comendo mais do que comeu hoje, mesmo comendo mais e mais, não há outra forma de vencer esse desejo: é preciso que você se contenha. Só Oscar Wilde pensava que a melhor maneira de acabar com uma tentação é ceder a ela.

O autocontrole é necessário até para prolongar nossa existência física. É necessário também para nossa existência espiritual e mental. Como controlar-se? Sempre perguntando a si mesmo: preciso mesmo disso? Precisando, querendo, desejando – não será que assim crio para mim mesmo uma situação na qual é mais difícil ter paz de espírito?

Se constantemente desejo algo, não terei essa paz. Se quero tê-la, devo reduzir minhas necessidades. De outra forma, sempre dependerei dos outros. E, quanto mais depender de outra pessoa, menos serei capaz de encontrar a paz em mim. Essa é a simplicidade na qual Gandhi acreditava.

Vejam a mesma coisa do ponto de vista espiritual. Quanto mais desejamos, quanto mais queremos uma existência física que nos dê a impressão de poder satisfazer nossos desejos, o desejo que nos liga a tal existência se torna cada vez mais forte. Se quisermos nos ver livres dessa luta, dessa angústia, dessa existência condicionada pelo sofrimento, é preciso superar o desejo.

Desejo e ódio são opostos, mas têm em comum a natureza de poder nos prender. Se você odeia alguém, estará sempre pensando nessa pessoa; se ama alguém, estará sempre pensando nessa pessoa. Terá sempre presente o desejo de estar junto a ela, de fazerem coisas juntos. E esse desejo prenderá a sua mente e o aprisionará. Você não estará livre.

Portanto, quer se trate de liberdade da mente ou libertação do sofrimento, é preciso superar o desejo. E a forma de superá-lo é diminuindo necessidades. Se as diminuirmos, teremos uma vida de simplicidade.

Muito obrigado.

THOT

Este texto corresponde a uma palestra dada pelo autor na Associação Palas Athena, em 3 de outubro de 2001, por ocasião da 20ª Semana Gandhi. Nesse encontro, o autor falou aos professores do projeto *Valores Que Não Têm Preço*.

O autocontrole é necessário até para prolongar nossa existência física. É necessário também para nossa existência espiritual e mental. Como controlar-se? Sempre perguntando a si mesmo: preciso mesmo disso? Precisando, querendo, desejando – não será que assim crio para mim mesmo uma situação na qual é mais difícil ter paz de espírito?



**SUZETE
CARVALHO**

Advogada.
Especializada em
Filosofia do Direito
e Mestre em
Direito do Trabalho
pela USP, é
conferencista e
publica ensaios
sobre temas
abrangentes da
experiência
humana.

RESSENTIMENTO



A vida moderna, com seus perversos paradigmas de competitividade e consumismo, gera uma inadequação entre as possibilidades pessoais e as exigências ambientais, ou, como se expressa Lennart Levi, famoso investigador do estresse, um desajuste entre a pessoa e o ambiente vivido.

O constante estado de expectativa, decorrente da tentativa de corresponder às imposições sociais, potencializa nossa ansiedade existencial, revelando-se sob a forma de sentimentos dolorosos como culpa, inveja, solidão, angústia, raiva, impotência, frustração e muitos outros. Não nos damos conta de que “fazemos de nosso dia-a-dia um eterno purgatório”, na expressão de outro importante estudioso das questões relacionadas com a experiência humana, o sociólogo Francesco Alberoni.

A realidade passa a ser percebida e sentida de maneira estressante, fazendo com que determinemos nossos estados interiores pelas circunstâncias, sem que percebamos que o foco de perturbação que não nos permite ser feliz reside dentro de nós mesmos. O processo educativo e cultural eterniza o problema, pois, centrado no raciocínio lógico-linear, individualista e excludente, é uma “miséria pedagógica” que se reflete num estresse precoce, o estresse escolar, como entende o psiquiatra austríaco Hans-Georg Zapotoczky, autor do livro *El Estrés en La Vida Cotidiana*.

As crianças de classe média, cujo rendimento escolar e comportamental é mais “cobrado” socialmente, são mais propensas a esse tipo de estresse. A propósito, o estresse é tido como uma “doença dos países ricos” e, nos Estados Unidos, por exemplo, grande parte das doenças que levam à morte têm origem nele, como informa a psicóloga Anna Mathilde Nagel Smith, do Departamento de Psicologia da USP.

Ao enfatizar a informação disciplinar em detrimento de uma formação mais abrangente do ser, que inclua o autoconhecimento, as instituições pedagógicas reforçam a educação familiar tradicional que, ao nos condicionar a esconder nossas sombras, acaba por empobrecer nossas relações conosco mesmos, com o outro e com o divino. Pressionado entre as pulsões do *id* – repositório das sombras recalçadas – e de um rígido superego, que não admite fracassos, nosso ego (instância relacional da psique), ávido de aceitação, constrói e adota como mecanismo de defesa uma auto-imagem idealizada.

Como toda idealização, a imagem é inconsistente, por não conter bases sólidas; é como os castelos de areia. Por isso, quando a dura realidade nos desmascara, nós nos sentimos magoados, ofendidos, agredidos e projetamos nossa ira em quem ousou abalar nossa ilusão. Aqui abro um parêntese para lembrar que a análise dos processos psíquicos hoje abordados se restringirá ao nível pessoal. Mas sugiro à reflexão de todos transportá-la para o coletivo, sob forma de uma cultura-análise organizacional.

Tomando como exemplo os recentes acontecimentos nos EUA, que culminaram na “guerra do bem contra o mal”, a cultura-análise nos revelaria farto material para entender a auto-imagem americana, sua postura perante todos aqueles que não se enquadram no modelo, sua reação aos atentados de que foram vítimas e suas dolorosas conseqüências.

Por outro lado, considerando a complexidade de que se revestem todos os eventos humanos, seria possível extrair importantes considerações sobre os meandros do psiquismo coletivo nas diferentes culturas, como forma de prevenção de tragédias sociais.

Sugestão feita, retorno à interessante questão da sombra individual, cuja compreensão me parece de extrema importância.

para os buscadores do autoconhecimento, como forma de amenizar as dores da alma. O psicoterapeuta junguiano Robert A. Johnson, autor de *A Magia Interior*, utiliza a metáfora da gangorra para explicar as bases elementares do processo psíquico. Segundo ele, de um lado colocamos luz, clareza identificada com nosso consciente; do outro – nosso inconsciente – relegamos as sombras, a obscuridade, aquilo que não aprendemos a aceitar em nós e que tantas vezes projetamos nos outros.

Transitando na marginalidade da vida, a sombra nos deixa doentes, e seus sintomas são uma proposta de reconciliação que não deve ser desprezada, sob pena de fugir de nosso controle. A pressão da sombra (*id*) é usualmente simbolizada na imagem da chaleira contendo água fervendo que, se abafada, poderá emergir de forma indevida e perigosa.

O equilíbrio estaria em colocarmos luz em nossas sombras, para que, iluminadas, pudessem ser vistas e encaradas, permitindo-nos dialogar com elas de forma criativa. Aliás, como ensinam o psicólogo Dethlefsen e o médico Dalke, em *A Doença como Caminho*, “o mero fato de observarmos a sombra significa iluminá-la”.

Esse exercício nos auxiliaria a compreender que, em geral, não somos exatamente agredidos, apenas *nos deixamos agredir* por situações para as quais em geral contribuímos, ainda que inconscientemente, em maior ou menor grau. Sem essa compreensão, tendemos a nos tornar ressentidos e a alimentar irracionalmente a mágoa inicial, prendendo-nos ao passado. Assim, toda vez que damos asas a pensamentos negativos ou nos ligamos a qualquer coisa que nos faça recordar o evento, seja um som, um aroma ou uma palavra, voltamos a sentir todo o sofrimento que ele nos causou.

Geramos uma hipermnésia que nos faz recordar o acontecimento por anos a fio. É como cutucar constantemente uma ferida, jamais permitindo que cicatrize. A vida passa a ser vivida *contra* alguma coisa e não *por* alguma coisa ou alguém, por alguma causa nobre, que valha a pena.

Assim, o estresse inicial é retroalimentado e, como ensina a pesquisadora Judith Swarth, de reação normal do organismo às agressões que possam causar desequilíbrio, ele passa a gerar

uma tensão que pode ocasionar graves inibições de nossas defesas naturais, podendo mesmo transformar-se em patologia de graves conseqüências físicas, emocionais ou mentais.

Basta lembrar que toda tensão desencadeia um processo hormonal, que faz com que as glândulas supra-renais descarreguem uma alta dose de adrenalina no organismo, elevando a pressão sanguínea e cardíaca, acelerando o ritmo respiratório e aumentando o colesterol e o nível de açúcar no sangue, como formas de preparação energética para o enfrentamento do perigo.

Em vez de lutar ou fugir – reações para as quais o organismo nos preparou –, tendemos a manter esse estado por tempo geralmente desproporcional à intensidade da agressão. Além disso, agregamos ao estresse original todos os outros que continuam a surgir no dia-a-dia, com os quais não sabemos lidar. Geralmente, associamos o estresse ao excesso de trabalho, algo que pode ser facilmente resolvido com alguns dias de férias. Ora, trabalho cansa, mas não perturba; o que perturba é nosso próprio interior não trabalhado, e é a ele que precisamos dirigir nossa atenção, já que não podemos tirar férias de nós mesmos, de nossos condicionamentos, de nossa insatisfação.

Entre as questões interiores mais mal resolvidas, causadoras de permanente estresse, destaca-se o ressentimento. Ressentir-se é magoar-se (no mais das vezes, à toa); é melindrar-se cada vez que a auto-imagem que construímos é abalada; é, enfim, sentir novamente – às vezes por anos a fio, ou por toda uma vida – todos os sofrimentos que a ofensa, real ou imaginária, nos causou.

Há alguns anos, a atriz Beatriz Segall, em interessante entrevista, metaforizou bem a questão, ao dizer que “ressentir-se é como patinar no mesmo buraco como a roda de um carro atolado”. Para sair desse “buraco”, parece-me que é necessário modificar o monólogo, substituindo-o pelo diálogo criativo.

O famoso neuro-oncologista Carl O. Simonton desenvolveu pesquisas, que apresenta em seus livros *Com a Vida de Novo* e *Cartas de um Sobrevivente*, sobre pacientes com câncer em diversos graus de desenvolvimento. Descobriu que, em sua grande maioria, todos tinham alguma ligação com incidentes

dolorosos do passado. A partir daí, ao lado de sua mulher e de outros pesquisadores interessados, desenvolveu métodos terapêuticos que foram aplicados com reconhecido sucesso, concomitantemente com o tratamento da medicina ortodoxa, no Simonton Câncer Center.

Trata-se, basicamente, de uma mudança nos padrões de pensamento e, em conseqüência, de comportamento, afirmando a necessidade de viver melhor o momento presente, sem carregar o peso adicional de um incidente que já passou. Como ponto essencial do trabalho, é proposto o exercício do perdão, visto como um dos mais valiosos meios auxiliares no tratamento e prevenção de doenças.

José Octávio de Oliveira Freire e José Antonio Curiati, em curso intitulado *O Despertar do Curador Interno*, ensinam que o câncer só respeita o amor, cujo símbolo é o coração, aliás raramente atacado por essa doença. Mas a perda de alegria causada por feridas emocionais, como a culpa e a mágoa, pode tornar a pessoa ressentida sujeita a cardiopatias. Portanto, temos de aprender a sentir prazer sem culpa.

Culpa e ressentimento são formas cruéis de autopunição, que precisam ser liberadas pelo perdão, para que se libere também a capacidade de sentir e gerar prazer, cuja busca, porém, não pode ser predatória e ilimitada. Caso contrário se tornará nova fonte de culpa, que nos fará entrar num círculo vicioso.

Na obra intitulada *O Livro do Perdão*, o pesquisador Robin Casarjian afirma que o perdão "lava a alma" das mágoas e ressentimentos do passado. Ele tem como regra máxima "ser gentil consigo mesmo", pois sustenta que só o autoperdão permite o abrandamento necessário para que se consiga perdoar o próximo.

A psicoterapeuta e escritora Louise Ray, autora de *O Poder Dentro de Você*, ensina que o perdão "é a chave para a liberdade", um reaprendizado que nos liberta dos condicionamentos mentais que nos tornam prisioneiros de nossos próprios pensamentos, sentimentos e ressentimentos. Uma dica para exercitar o perdão é começar com doses homeopáticas, perdoadando as pequenas coisas e as pessoas com as quais não temos grande envolvimento, e lembrando-nos de que esse

exercício é também em nosso benefício, pois ficaremos, no mínimo, mais tranquilos.

Há quem considere a ação de perdoar um ato ecológico interno, uma reciclagem mental, pois, ao retermos na memória os eventos que nos causaram sentimentos hostis, nos transformamos em depósitos de lixo. A sobrecarga de energia, gasta na manutenção do que eu chamaria "freezers de lixo", em que convertemos nossas memórias, precisa ser reinvestida na construção de um novo ambiente interior, limpo dos excessos emocionais, sadio, auto-sustentável.

O método utilizado no Centro de Câncer Americano, que é reproduzido em todo o mundo, e que aqui em São Paulo foi desenvolvido pelo CORA (Centro Oncológico de Recuperação e Assistência), busca redirecionar as energias do paciente, tornando-as amorosas e construtivas. A participação ativa e consciente na reconstrução do equilíbrio mental e físico-emocional é indispensável, e jamais deverá ser encarada como um remédio externo, ou mera aceitação alienada de experiências do passado, pois a cura só pode ocorrer na consciência.

A terapia utilizada por Simonton inclui exercícios respiratórios e relaxamento, seguidos de um diálogo interior, acompanhado da visualização de coisas boas a si mesmo e ao outro, de acordo com uma técnica criada pelo religioso e conferencista inglês Emmet Fox.

A técnica de relaxamento progressivo foi criada pelo terapeuta Edmon Jacobson e deve ser feita três vezes ao dia, de dez a quinze minutos por vez. Seu processo não difere, basicamente, das conhecidas orientações sobre liberação sistemática das tensões localizadas, utilizadas em academias, cuja prática deveria ser incentivada desde a infância.

Descarregar as tensões diárias, "soltando" músculos e articulações, alivia o peso dos problemas diuturnos, torna a vida mais leve, induz paz e bem-estar, propiciando o estado amoroso e a criatividade. O descondicionamento ou mudança de hábitos mentais é conseguido por uma técnica que, de certa forma, coincide com uma das milenares práticas meditativas hinduístas, denominada *Vipassana*, cujo objetivo é tentar compreender a real situação de um evento que nos levou a sofrer.

Não se trata da negação do sofrimento, mas da busca de entendimento de suas várias (e reais) causas e de nossa participação para que a situação se desse daquela forma, retirados os excessos emocionais e as ilusões que havíamos colocado na sua interpretação. É tentar examinar o acontecimento como meros expectadores, procurando não julgar o outro, nem a nós mesmos. Apenas detectar.

Só assim, restabelecida a verdade da situação, da qual fomos, no mínimo, coadjuvantes, teremos condição de começar a praticar o perdão do outro e o autoperdão. Entre as recomendações para facilitar esse trabalho terapêutico, Simonton sugere também a manutenção, pelo paciente, de um diário dos progressos obtidos. No mesmo sentido, McKay e Rogers, autores do livro *Quando a Raiva Dói*, propõem, a par das técnicas para diminuição do estresse, um "Diário da Raiva" para facilitar o objetivo.

O rabino Harold Kushner, no livro *Quando Coisas Ruins Acontecem às Pessoas Boas*, lembra que a raiva que vem de carona no ressentimento não deveria ser dirigida contra as pessoas, mas contra a situação. Assim, se pudermos rever o passado dentro das atuais circunstâncias, sob essa nova ótica, estaremos minando a força do ódio que estava contido, sem precisar mais recalá-lo.

Se já não podemos mais decidir sobre a experiência dolorosa, poderemos dar-lhe um sentido maior, utilizando-a para restabelecer nossas relações conosco mesmos, com nosso ofensor (real ou pretense) e com o divino, praticando o perdão do outro e o autoperdão. Só ao ser humano foi dada a capacidade de recriar possibilidades e refazer sua própria vida. Não utilizar essa dádiva seria um imenso desperdício.

Um dos grandes exemplos da potencialidade do ser humano para a reconstrução da vida é relatado no livro *Por Aqueles Que eu Amo*, do escritor Martin Gray, sobrevivente do gueto de Varsóvia, que deveria ser lido por todos aqueles que se frustram e desanimam com fracassos e tragédias pessoais, pois mostra que *sempre* é possível fazer alguma coisa.

O jurista Dalmo Dallari, em magnífica palestra realizada num congresso trabalhista, referiu-se de forma inusitada à crise que atravessa o país, ao proclamar sabiamente: "Bendita crise". O

fundamento epistemológico de seu otimismo está amparado no fato de que toda crise – individual ou coletiva – oferece a oportunidade da adoção de novos paradigmas, mais condizentes com o momento presente.

A vida no planeta seria altamente beneficiada se os ressentimentos e crises pessoais, que geralmente nos desestruturam, fossem encarados como molas propulsoras das transformações sociais. É o caso, por exemplo, do projeto SEMEAR, desenvolvido em São Paulo por uma mulher corajosa, a partir de um incidente que me foi relatado há já alguns anos por uma aluna.

Ao receber seu filho descalço e choroso, por ter sido assaltado por um menor que lhe levava os tênis, nossa heroína não encarou o fato como um problema de polícia. Ao contrário, dirigiu-se ao local com o espírito desarmado, e disposta a compreender as carências que levam crianças que deveriam estar na escola a viver nas ruas, comportando-se de forma tão agressiva e anti-social. A partir dos seis menores abandonados que encontrou então, fundou uma associação, que auxilia e orienta centenas de crianças.

Também o grandioso trabalho de Gandhi em prol da humanidade talvez não tivesse sequer sido iniciado, se ele não tivesse sofrido na carne a discriminação dos britânicos, a quem tanto admirara em sua juventude. Seria uma perda incomensurável para o mundo, se ele houvesse mergulhado na frustração e no ressentimento pelas graves ofensas recebidas.

Entretanto, por ter-se estabelecido firmemente na verdade (*satyagraha*), sem projetar expectativas ilusórias sobre pessoas e fatos, encontrou forças para substituir a frustração – caminho da violência – pelo *abimsa*, caminho da paz e do amor.

Sem a pretensão ilusória de nos tornarmos *Mabatmas*, talvez pudéssemos começar a ser um pouquinho mais verdadeiros conosco mesmos, com o outro e até com o divino. Para citar apenas o cristianismo como exemplo, lembro que quando rezamos o Pai Nosso pedimos ao Senhor que “perdoe as nossas ofensas, assim como nós *perdoamos os nossos ofensores*”.

Perdoamos mesmo? Ou será que apenas repetimos, automática e ingenuamente, uma mentira até ao próprio Deus, que

conhece nossos sentimentos mais recônditos? Se assim é, como queremos ser perdoados?

Detectar é importante, mas não é suficiente. Há que praticar o diálogo honesto e o perdão, diuturnamente, de modo persistente, para sair do automatismo anestesiante em que estamos mergulhados. Há que reaprender a ouvir o outro, ou jamais sairemos do monólogo sem sentido, ressentido.

Mas, antes e acima de tudo, temos que aprender a ouvir e conhecer a nós mesmos, restabelecer relações com nosso *ethos* – nossa morada interior, única construção com estrutura suficientemente forte para não se deixar abalar por circunstâncias passageiras. A inspirada frase de São Paulo sintetiza a questão: “Refugia-te em teu coração e não haverá ventania que possa derrubar-te”.

Assim, alguns dos antídotos mais poderosos contra o ressentimento – ou, eventual e indiretamente, contra a proliferação do câncer e outras doenças – não se adquirem em farmácias, pois estão potencializados dentro de nós, como poções mágicas colocadas gratuitamente à nossa disposição. Suas fórmulas mais eficientes são o Amor – e amar também se aprende, pois implica a compreensão do outro e o autoconhecimento – e a tolerância, que importa paciência e perdão.

THOT

O presente artigo é a edição de palestras realizadas no Curso “Dores da Alma” da Associação Palas Athena e em várias outras instituições.

O rabino Harold Kushner, no livro *Quando Coisas Ruins Acontecem às Pessoas Boas*, lembra que a raiva que vem de carona no ressentimento não deveria ser dirigida contra as pessoas, mas contra a situação. Assim, se pudermos rever o passado dentro das atuais circunstâncias, sob essa nova ótica, estaremos minando a força do ódio que estava contido, sem precisar mais recalá-lo.



**ROMANO
GUARDINI**

É filósofo.
Nasceu na Itália,
mas foi criado
na Alemanha,
onde seguiu
carreira acadêmica
e faleceu em 1968.
Escreveu quase
cem livros.

O ENVELHECIMENTO

Falaremos daquela fase da vida a que se dá o nome de velhice. Poderíamos fazê-lo do ponto de vista fisiológico, como os médicos, ou do ponto de vista da prática social, como aqueles que se perguntam qual seria o melhor modo de enquadrar os idosos na vida da sociedade – ou de diversas outras maneiras. Queremos colocar a questão filosoficamente, ou seja, indagando se a velhice representa apenas o ocaso da vida, após o qual nada mais virá, ou se tem um sentido próprio, possivelmente até muito bom e profundo; assim, parece ser importante entender esse sentido e conferir-lhe efetividade.

Naturalmente, só pode falar da velhice quem souber alguma coisa dela – conhecimento que só quem esteja nessa quadra da vida pode ter. Sem essa experiência, o preletor adotará a postura mental dos mais jovens, para quem a ancianidade em si mesma nada tem de venerável, como pretende um idealismo inócuo. Ela até despertará neles, no mínimo, um sentimento de superioridade e irreverência. Muitas vezes, irritam-se com o autoritarismo dos velhos. Não esqueçamos, por último, a secreta hostilidade da vida ascendente contra a vida em declínio.

Basta pensar nos costumes de muitos povos primitivos para ver com que selvageria se manifesta essa hostilidade. Mas não é preciso voltar tanto no tempo. Na época bem recente do nazismo, não se aplicava essa escala desumana para julgar se uma vida era ou não digna de ser conservada? Não foi aí que se

originou o conceito de que só a juventude tem valor? De que os velhos procuram desestimular e desconcertar os jovens? De que, além de não serem mais produtivos, sobrecarregam a comunidade, devendo, portanto, ser eliminados?

Esses sentimentos, por certo, como todos os posicionamentos puramente emocionais, têm contrapartida localizada no homem idoso que envelheceu de modo inadequado. Este sente não só rancor pela vida que se esvai, como inveja da jovialidade dos moços, de seu futuro, de seus planos e esperanças; procura de algum modo perturbar-lhes a existência, mesmo que o faça apenas repudiando tudo o que é novo e exaltando tudo o que é antigo.

Percebe-se, pois, que não é fácil falar sobre a velhice de modo autêntico. Pressupõe-se que o preletor, além de estar passando pela experiência dessa idade, também tenha reconhecido a tendência do idoso ao rancor pela vida, à inveja em relação à juventude, ao ressentimento contra as novidades, e que ao menos procure eliminar tais tendências.

Admite-se, portanto, que quem tenta dizer alguma coisa sobre o sentido da velhice já tenha vivido algo do que agora mencionamos; esse é um assunto delicado. Em todo caso, deve-se ao menos ventilá-lo para que as coisas fiquem claras.

O tempo gasto nisso também não foi perdido, porque o que dissemos já nos levou ao centro do problema. Mostrou-se de forma evidente que envelhecer não significa apenas ter vivido um certo número de anos, ou que o vigor físico está em determinadas condições, mas que há um modo correto e um modo errado de envelhecer. Mostrou-se também que a atitude dos jovens em relação à velhice depende da imagem que o idoso faz de si mesmo e de como vive.

Assim, deve-se dizer em primeiro lugar, como aspecto decisivo, o que é o fundamento da sabedoria da vida: que só envelhece corretamente quem assume interiormente o envelhecimento. O que nem sempre é evidente ou claro.

Com freqüência, os homens não o aceitam, apenas o sofrem. Não podem, naturalmente, eliminar o fato de que têm setenta anos e não cinquenta ou trinta; de que suas forças não lhes permitem subir as escadas correndo – apenas lentamente; de

que sua pele não é mais lisa, já apresenta rugas. E procuram esquecer suas limitações mergulhando em uma profunda mentira. São fatos do cotidiano. Basta observar as pessoas nos ônibus, em reuniões, no teatro. Fazem o possível para ocultar a realidade do envelhecimento e apresentar uma jovialidade que não existe – ilusão que nem chega a exteriorizar-se, pois a comédia transparece ao olhar experiente, e à mentira junta-se o ridículo.

A primeira exigência é, portanto, assumir a velhice. Quanto mais honestamente isso acontecer, quanto mais profunda for a compreensão do seu sentido, e quanto mais pura a disciplina na busca da verdade, tanto mais autêntica e valiosa será a fase da vida que traz esse nome.

Pois a velhice também é vida. Não significa apenas o esgotamento de uma fonte que nada mais produz, ou o adormecimento de uma forma anteriormente forte e intensa – na realidade, é vida em si mesma, de espécie e valor próprios. É certo que significa aproximação à morte; mas também a morte ainda é vida. Não é só interrupção e aniquilamento, mas carrega um sentido em si mesma.

Pensemos no duplo significado do verbo “terminar”, que se revela quando associado ao advérbio “completamente”. “Terminar completamente” significa chegar ao fim, mas significa também “executar”. A morte não é, pois, a anulação, mas o valor final da vida – coisa que nosso tempo esqueceu. Os antigos falavam da *ars moriendi* – a arte de morrer –, querendo com isso dizer que há um modo certo e um modo errado de morrer; além de simples extinção e desaparecimento, é também um cumprimento de incumbências e o atingir da plenitude, a realização derradeira da existência. Se isso é válido para a morte, mais ainda o é para a velhice.

A primeira condição para tanto é, repetindo o que temos dito anteriormente, a aceitação. O modo de sentir essa fase da vida varia na medida dessa mesma aceitação, a qual certamente não afasta nem um pouco a amargura da velhice: uma crescente necessidade de amparo, que torna o homem dependente dos outros; um desprezo provocado pela fraqueza; e tudo o mais que contêm as palavras do Eclesiastes, quando menciona “os anos dos quais dirás: Não gosto mais deles” (Eclesiastes 12.1).

Mas mesmo isso assume um caráter diferente se aquele que envelhece sente-se unido à sua existência, identificando-se constantemente com ela por meio da aceitação, ou se partilha a opinião dos que o desmerecem, situado agora, porém, no lado menos favorável.

Seu relacionamento com os mais jovens também se altera na medida em que se dá a aceitação. Ele perde o rancor à vida que se esvai e não inveja aqueles que ainda a têm. Reconhece-lhes a existência; aprende a amá-los e procura ajudá-los. Não age assim por pretender um domínio que permita encobrir a inveja mas, poderíamos dizer, por um sentimento de solidariedade em defesa da própria causa da vida; pelo desejo de que essa vida, tão ameaçada e confusa, tome o rumo certo.

Essa atitude, sendo percebida pelos mais jovens, faz com que, por sua vez, estes aprendam a respeitar a idade daqueles que envelhecem. Dão-se conta da presença de uma autêntica forma de vida, ainda que não possam compreendê-la verdadeiramente. À medida que ganham confiança, incorporam à sua própria existência um novo elemento, essa forma vital que por si mesmos não encontrariam. É um grande acontecimento, a solidariedade das diversas formas de vida em torno da vontade de que a vida tenha plenitude e perfeição!

Em que consiste então o sentido da velhice? Parece-me que em duas coisas.

A vida não segue um fluxo uniforme: divide-se em diferentes épocas fechadas em si mesmas. Assim, por exemplo, a infância tem seu sentido próprio, que é o do crescimento; isso faz pressupor imediatamente que haja um ambiente capaz de possibilitá-lo e estimulá-lo, e que nesse próprio quadro se conquistem valores que de outra forma não se poderiam adquirir.

Portanto, se a infância, por um lado, tem uma existência própria, representa também um preparo para a vida futura. Na realidade, o adulto se nutre daquilo que viveu e do que se tornou como criança; e sua formação será falha e defeituosa se a infância não atingiu uma verdadeira plenitude. Análogo é o que ocorre com a vida do jovem e do homem amadurecido. Quanto à velhice, constitui também uma forma própria, cujo sentido pode ser bem definido pela palavra "sabedoria".

Quem envelhece de forma apropriada é capaz de entender o conjunto da vida. Já que não antevê propriamente um futuro, o idoso volta o olhar para o passado, percebendo a correlação das coisas. Vê como interagem os fatos, os êxitos, os ganhos, as renúncias, as alegrias e as carências, e como se origina aquela maravilhosa estrutura a que damos o nome de “vida humana”.

Falamos freqüentemente de personalidade. Com isso, queremos significar o modo característico pelo qual uma pessoa é ela mesma; como se associam os diferentes fatores para formar uma totalidade na construção de sua vida corpórea, anímica e espiritual; como o todo se define com base naquele núcleo que não pode ser mais atingido a partir de outros dados e que temos em mente quando dizemos “ele”, e não outro.

Essa forma de personalidade tem, por assim dizer, um caráter permanente. Nós a percebemos quando conhecemos uma pessoa e, em conversas, nas formas diversas de cooperação ou na luta cotidiana, ficamos sabendo quem ela é.

Contudo, a mesma personalidade também se reveste de uma forma temporal, constituída pelo próprio transcorrer da vida. A primeira forma é como um retrato; a outra, como uma melodia. Em ambas se exprime a concepção de Deus dessa pessoa. Até certo ponto, essas formas, à semelhança de um esboço, lhe foram dadas por Deus, por ocasião do nascimento; entretanto, as disposições interiores, as circunstâncias externas, os sucessos e azares da vida, constituem a matéria prima de sua formação.

Na medida de sua compreensão, de sua boa vontade, de sua seriedade de propósitos na vida, ela completa esse esboço, ou não consegue completá-lo, ou o abandona.

Enquanto o homem está incurso na corrente pressurosa da vida, planejando, lutando e esperando, esse pensamento de Deus não lhe parece claro. Só se aclara sob a pressão do fim que se aproxima, quando começa a olhar para trás. É então que vê e compreende o entrelaçamento das coisas – naturalmente, supondo-se que tenha a coragem de querer ver a verdade, e a honradez de ver apenas a ela.

Assim se adquire sabedoria. Vale lembrar que, apesar de todas as diferenças de personalidade e de destino, tanto jovens como velhos são pessoas humanas e que o homem idoso pode, ao olhar sua própria vida, entender muitas coisas que, por atuarem

na corrente da existência, são imperceptíveis a outros. Pode transmitir-lhes, portanto, muito de útil e agradável – admitindo-se que estes, por sua vez, estejam dispostos a aprender. As palavras, contudo, jamais exprimem o mais íntimo e profundo.

Esse foi o primeiro aspecto. O segundo lhe está estreitamente ligado, mas tem um significado especial, que vem da proximidade em que se encontra o homem que envelhece, não do fim, mas do eterno.

Mais uma vez, impõe-se uma condição: que ele saiba que existe o eterno. Ou seja, que não tenha sucumbido ao desconforto de tão só continuar vivendo, inteiramente aprisionado na corrente do tempo. Uma pessoa assim conhece apenas o ontem, o amanhã e, entre os dois, um ténue “agora”. Não sabe o que está encerrado num ontem, num amanhã ou num agora: o eterno. Digamo-lo mais claramente: Deus e seu reino intemporal.

Tomemos, porém, o caso mais favorecido. Suponhamos que uma pessoa não tenha abandonado o centro interior de sua existência, nem sucumbido aos ditames da própria natureza pura e simples, com seu pretense mistério, nem ao mero aspecto histórico, ou à insensatez de uma fé no progresso. Que, com vivo conhecimento do válido e do duradouro, tenha mantido também vivo dentro de seu ser o que dele é próprio, de modo que aí o imortal responda ao Deus eterno. Isso se torna então cada vez mais forte, no curso da velhice.

As coisas e os acontecimentos da vida imediata perdem sua premência, diminuindo a intensidade com que ocupam os pensamentos e o coração. Muitas coisas que lhe pareciam de grande importância tornam-se banais; outras, que considerava fúteis, ganham uma aura de brilho e seriedade. Mudam os pesos, surgem novas escalas de valor.

Essa experiência influi no olhar lançado sobre o conjunto da vida, de que temos falado. É como que uma antecipação daquilo que a linguagem religiosa denomina “o Juízo”.

“O Juízo” significa que as coisas se libertam do disfarce das palavras, das confusões da mentira e da violência, e são levadas ao puro poder da vontade de Deus, que não engana nem se deixa enganar. Na velhice bem orientada, faz-se uma espécie de preparação para esse juízo final, que se realiza após a morte na presença de Deus.

Também assim se cria sabedoria e, conseqüentemente, autoridade. Essa autoridade não se apóia numa posição de força de qualquer tipo, mas em verdade vivida, afirmando-se por si mesma. Ela confere à velhice um sentido que nenhuma outra fase da vida possui.

Portanto, a chave do problema do envelhecimento consiste em que o homem o aceite, compreenda-lhe o sentido e, a este, que o concretize; mas depende muito também da aceitação da comunidade, de que esta reconheça à velhice, genuinamente e com sincera amizade, o direito à vida que lhe cabe.

Observamos hoje em toda parte o conceito que encara apenas a vida jovem como portadora de valor humano e a velhice, pelo contrário, como uma decadência. Não encontra isso uma correspondência exata no fato de que existem cada vez menos pessoas de idade avançada que saibam realmente o que fazer da própria vida e com plena consciência de seu significado? Esses dois fatos não se influenciam mutuamente? Não são eles que criam, ao longo de toda a vida, ao lado de tantos recursos e de um poderio em constante crescimento, uma estranha e grave imaturidade?

Fala-se muito – e com apreensão – sobre a crescente porcentagem de idosos na composição do perfil etário da população. Mas nunca vi ninguém questionar se o mais inquietante não consistiria no fato de que hoje o idoso, de modo muito generalizado, não desempenha mais uma função autêntica dentro do todo, por ele mesmo não compreender seu próprio sentido. Acaba por tornar-se, assim, apenas uma carga para a família, a comunidade e o Estado.

Muita coisa, inclusive sob os pontos de vista sociológico e cultural, depende de que se compreenda o que significa para a totalidade o homem que envelhece; de que seja superada a perigosa puerilidade segundo a qual somente a vida jovem é valiosa sob o aspecto humano; de que nossa imagem do existir inclua a fase da velhice como um elemento de valor e assim se complete a curva da existência, sem que esta se reduza a um fragmento, vendo-se o mais como decadência.

De que adiantam, portanto, toda a gerontologia médica e todos os cuidados da assistência social, se ao mesmo tempo o próprio idoso não tiver consciência de seu significado? Sem esta, sua subsistência é apenas biológica, e ele representa um peso para si e para os que o cercam.

Daí se conclui que a comunidade deve também, por sua vez, dar ao homem que envelhece a possibilidade de completar adequadamente sua velhice, coisa que depende dele apenas em parte. É preciso que não só seu ambiente, família e círculo de amizades, mas também a conjuntura social, a comunidade e o Estado, lhe dêem as condições de vida que ele não tenha possibilidade de dar a si mesmo.

Se isso acontecer simultaneamente ao desejo do próprio homem que envelhece de fazer corretamente a sua parte, nascerá uma forma de relação que será indispensável para todos. Uma consciência coletiva em que a velhice não seja dotada de sentido próprio, nem da possibilidade de concretizar esse sentido, é mal formada. Sofrerá diminuição de plenitude de vida, perdas de compreensão e distorções de julgamento, que se manifestarão nos momentos mais diversos.

Sobre tais aspectos, as últimas décadas oferecem também ensinamentos profundos a quem tiver olhos para ver e sentimentos no coração. **THOT**

Este texto faz parte do livro *A Aceitação de Si Mesmo e As Idades da Vida*, publicado pela Editora Palas Athena.

Leitura Complementar. Sobre o tema velhice – e em complementação ao livro *A Aceitação de Si Mesmo e As Idades da Vida* –, recomenda-se a leitura do ensaio de Simone de Beauvoir *A Velhice* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira), um clássico.

Portanto, a chave do problema do envelhecimento consiste em que o homem o aceite, compreenda-lhe o sentido e, a este, que o concretize; mas depende muito também da aceitação da comunidade, de que esta reconheça à velhice, genuinamente e com sincera amizade, o direito à vida que lhe cabe.



ÉTICA DO ACOLHIMENTO



A Associação Palas Athena foi convidada para que, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do Estado de São Paulo, ajudasse na reflexão e na elaboração de uma base conceitual, que sirva de sustentação ao programa Ética do Acolhimento – Humanização das Ações de Saúde, programa esse que faz parte da agenda municipal de saúde.

Como se sabe no plano mundial muitos observadores concluíram que não há mais dúvida de que os excessos da medicina mecanicista precisam ser equilibrados por uma consciência ética da solidariedade, idéia que tem grande afinidade com os princípios da Associação.

Os primeiros passos para a realização da parceria foram dados por meio de uma série de seminários dirigidos aos servidores da saúde, que aconteceram em 2001, e que culminaram com a efetivação de um convênio para ações continuadas em 2002.

Mas afinal o que é acolhimento? Por que ele se tornou tão necessário neste momento? Para responder a essa pergunta, propomos a reflexão a seguir.

Acolhimento é a atitude de receber, integrar, incluir, por oposição a segregar, dificultar o acesso, excluir. Quando aplicada ao contexto das ações de saúde, a postura acolhedora implica o reconhecimento de que a visão quase que exclusivamente técnica e operacional, predominante em nossa cultura nos últimos tempos, criou um clima de mal-estar nos consultórios, ambulatórios, hospitais, enfim, onde quer que se desenvolvam atividades médicas – ou, de um modo mais amplo, onde quer que sejam exercidas as profissões de ajuda.

Assim, um dos grandes problemas – talvez o maior deles – das ações de saúde, em nossa sociedade, é a colocação das relações interpessoais, da subjetividade, dos sentimentos e emoções (ou seja, da dimensão humana) num plano secundário.

Não se trata, é claro, de subestimar ou desvalorizar o lado técnico-operacional, mas de agir no sentido de atenuar o seu pragmatismo que, por ser excessivo, acabou levando à frieza e à impessoalidade. Tal atenuação pode ser conseguida por meio da complementaridade entre as dimensões técnica e humana – e isso é válido para qualquer atividade em que estejam envolvidas pessoas.

Em outras palavras, as ações de saúde não podem ser reduzidas ao seu aspecto técnico/científico, nem vistas exclusivamente pelo ângulo humano/subjetivo. Segundo o filósofo Edgar Morin, a responsabilidade social é uma noção humanista e ética, que só faz sentido para indivíduos conscientes. Desse modo, tomar consciência da situação criada pela relegação do humano a um plano secundário diante da tecnologia é uma iniciativa ética, potencialmente produtora de responsabilidade e respeito.

O técnico-operacional precisa aprender a acolher o humano, para que da interação acolhedor-acolhido possa resultar um entendimento capaz de ao menos diminuir o mal-estar gerado pela unilateralidade das posturas atuais. Tomada de consciência, atitude ética e senso de responsabilidade social: eis por que nosso programa tem o nome de Ética do Acolhimento.

Acolher é uma atitude ativa, eficaz. Esse aspecto precisa ser bem compreendido, porque para não sermos destrutivos não basta não participar da destruição; é preciso atuar no sentido de confrontá-la, questioná-la, dificultá-la, e para tanto devemos dirigir nossas energias para os pontos certos. Enfrentar a destruição significa, ao contrário do que muitas vezes se pensa, reavaliar e modificar os relacionamentos humanos. Eis o ponto essencial. No momento atual, vivemos uma situação de relações interpessoais problemáticas e freqüentemente tensas. Uma das manifestações mais óbvias dessa situação é, como todos sabem, a extrema violência do cotidiano, que nos assusta por seu não-acolhimento e franca hostilidade.

Se não houver relações interpessoais satisfatórias não haverá vida, no sentido pleno da palavra. Daí o mal-estar da nossa civilização atual. As dificuldades de relacionamento estão claramente ligadas à excludência do modelo mental binário,

que predomina em nossa cultura e nos faz pensar quase sempre de um modo primitivo: ou bem ou mal; ou certo ou errado; ou culpado ou inocente; ou amigo ou inimigo; ou eu ou o outro; ou está comigo ou contra mim; e assim por diante.

Muitas de nossas relações são, na verdade, anti-relações, pois elas se dão no distanciamento, na desconfiança, no estranhamento e no medo. A tentativa de resolver o estranhamento pela pendularidade do "ou/ou" só tem levado a mais estranhamento. A compreensão da angústia humana pode ser melhorada pelo acolhimento; ao receber o outro, tentar familiarizar-me com ele, eu me dou a oportunidade de familiarizar-me comigo mesmo. Diminuem, assim, o medo e a desconfiança.

Mais uma vez é preciso deixar claro que o combate cego e discriminatório a tudo o que é científico e tecnológico traduz apenas uma grande ingenuidade. Não se trata, portanto, de pretender negar o valor das grandes descobertas da ciência, nem tampouco os benefícios que nos trouxe a tecnologia. Mas o essencial é que estejamos atentos, sem jamais abrir mão do nosso direito à consciência crítica.

O problema é que, devido ao dilaceramento do tecido social, e às dificuldades nos relacionamentos dele resultantes, acabamos, em muitos casos, não percebendo o que está acontecendo além do nosso entorno imediato. Hoje, somos uma cultura composta por um número inaceitável de pessoas alienadas e acoçadas pelo medo, que vagam pela vida à procura de alguém que lhes diga o que devem fazer e como fazê-lo. Até mesmo quando falamos, nosso discurso é excessivamente prudente, receoso, defensivo.

A ética do acolhimento deve começar pelo auto-acolhimento, isto é, pela aprendizagem de como lidar com nossa desconfiança e defensividade. Precisamos, em primeiro lugar, aprender como diminuir nossa intolerância em relação a nós mesmos. Sem um mínimo de autotolerância é virtualmente impossível desenvolver um grau adequado de tolerância ao outro, componente indispensável ao acolhimento. Trata-se, pois, de empreender uma revisão de valores. Por isso mesmo, o acolhimento é uma postura eminentemente ética.

Do modo como as coisas estão – e elas estão assim há muito tempo –, nossa tendência é sempre projetar no outro a nossa

auto-intolerância. Já que não participamos integralmente do convívio com ele, já que o vemos como um estranho, como um outro ameaçador, nossa inclinação básica é o afastamento, a impessoalidade. Em todos os âmbitos da sociedade esse é, sem nenhuma dúvida, o principal fator que alimenta a violência que permeia o cotidiano.

Assim, a ética do acolhimento é antes de mais nada uma atitude política, uma posição afirmativa; e aqui, como não poderia deixar de ser, participação e eficácia se equivalem. Só uma alteração ampla e profunda de nosso modelo de relações interpessoais será capaz de modificar o atual estado de coisas; isto é: poderá promover meios para que as pessoas não continuem a viver imersas no desconhecimento do que está acontecendo em si mesmas e no mundo.

Só uma iniciativa dessa ordem poderá nos proporcionar meios de reparar o esgarçamento da tessitura social. Isso pode ser alcançado, desde que consigamos formar redes de pessoas e instituições que se conscientizem de que o modelo mental "ou/ou", mesmo sendo necessário para as atividades da vida mecânica, é insuficiente para lidar com o amplo domínio de nossa vida, que inclui a subjetividade, os sentimentos e as emoções.

No momento atual, porém, tudo se passa como se a mente humana estivesse trilhando, a passos a cada dia mais rápidos, o caminho da fragmentação e da destruição. Ao que tudo indica, a irracionalidade está fazendo valer a sua força. E o faz usando como principal instrumento justamente aquilo de que o ser humano mais se orgulha: a racionalidade e a intelectualidade, hoje predominantemente utilizadas para fazer com que a visão de mundo tecnocientífica dite as regras do convívio social.

A tudo isso se opõe o programa Ética do Acolhimento, cujos objetivos principais são:

- **Conscientizar** as pessoas das conseqüências danosas da colocação do aspecto humano/subjetivo em um plano secundário em relação à dimensão técnica/científica/operacional das ações de saúde.
- **Revelar**, por meio da conscientização, os reais prejuízos oriundos da persistência desse estado de coisas.

-
- **Deixar claro** que esse fenômeno resulta da adoção predominante, em nossa cultura, do modelo mental binário (o padrão “ou/ou”), que é por definição fragmentador e excludente.
 - **Mostrar**, por meio de exemplos de iniciativas já consolidadas ou ainda em curso, que essa situação pode ser modificada – e não apenas no âmbito das ações de saúde.
 - **Essa mudança**, em seus primeiros momentos, visa estabelecer relações de confiança, solidariedade e familiaridade entre os cidadãos usuários e os cidadãos que os atendem, sejam eles da área técnica/administrativa, sejam profissionais de ajuda direta. Para tanto, é indispensável sensibilizar os servidores, desenvolver neles o potencial relacional ainda não utilizado ou subutilizado.
 - **Ampliar** a participação da comunidade de usuários; acolher seus representantes, receber e estimular os que desejam desempenhar atividades voluntárias.
 - **Buscar parcerias** com outras instituições, públicas ou privadas (empresas, ONGS, associações civis e assim por diante).
 - **E, sobretudo comunicar**, informar, divulgar de modo amplo e facilmente compreensível tudo aquilo que está sendo feito pelo programa e pelas pessoas e entidades que com ele colaboram.
 - **A comunicação** não deve se restringir ao âmbito dos usuários; as diversas unidades da SMS podem e devem comunicar-se e interagir de modo constante.
 - **“Comunicação”** é a palavra-chave, pois o meio mais poderoso de enfrentar uma rede de conversações cujos temas básicos são o medo, a desconfiança e a separação, é criar outra rede, na qual as conversações veiculem a confiança, a participação, a inclusão – o acolhimento, enfim.

O programa Ética do Acolhimento. A saúde é um direito de cidadania e um bem público. Cuidar dela é valorizar a vida. Os esforços individuais e coletivos nessa direção devem ser considerados um exercício de cidadania. “A humanização dos relacionamentos pessoais e profissionais é uma das alavancas para a criação de espaços de convívio nos quais a competência, a lógica e os sentimentos não se excluem mutuamente.

Humanizamo-nos na medida em que compartilhamos espaço, convivência, intimidade e cuidados. Somos filhos do cuidado; sem ele, não existiria a espécie humana” (Humberto Mariotti e José Romão T. de Aguiar).

O acolhimento do cidadão nas unidades de saúde pressupõe pessoas mobilizadas para todos os aspectos das relações interpessoais, inclusive o contato com o público. Corresponde à atividade profissional, humanizada, dos funcionários, que repercute junto à população, promovendo esperança e solidariedade social.

O desenvolvimento científico e tecnológico vem transformando os procedimentos de assistência médica em processos segmentados, impessoais e burocratizados. A situação da assistência médica no Brasil de hoje se caracteriza pela mecanização, pela orientação quantitativa e objetiva e, em muitos âmbitos, por um ânimo mercantil e utilitarista. É essencial, portanto, sensibilizar os servidores para as novas prioridades em relação aos seus deveres contratuais. Trata-se, agora, de elaborar e implementar um contrato não escrito, um compromisso social individualizado que depende dos valores humanos enraizados em cada um de nós.

Devemos buscar essa meta de forma objetiva e persistente. Em todos nós, deverá estar introjetada a noção de respeito, tolerância, identificação com os sentimentos alheios e a responsabilidade por aquilo de que participamos. É preciso desenvolver procedimentos que correspondam a essas percepções; estabelecer um conjunto de ações voltadas diretamente para os profissionais que têm mais contato com o público.

A saúde é um direito de cidadania e um bem público. Todo esforço – individual ou coletivo – no sentido de conquistá-la e/ou mantê-la deve ser considerado um exercício de cidadania. A saúde é uma condição para a paz e, ao mesmo tempo, uma consequência dela. Entendemos a paz como o antídoto para toda e qualquer violência, seja ela ativa ou passiva – discriminação, exclusão, exploração, intolerância. O cuidado com a saúde remete-nos essencialmente à valorização da vida.

Os preceitos constitucionais incorporados ao SUS, como universalidade, integralidade e equidade, correspondem à

efetivação do conceito de saúde como um direito social. Em consequência, é necessário ter em mente um fato da maior gravidade: amplos segmentos da comunidade ainda estão excluídos das ações de saúde.

O projeto Ética do Acolhimento retoma o conceito de co-produção de saúde, no qual o impacto social vai além da atenção básica. Co-produção de saúde significa a conjugação do exercício da cidadania com as ações planejadas do Estado. O enfrentamento da exclusão social – que corresponde ao esforço para dar um lugar de destaque à equidade – exige que as políticas de saúde sejam vistas e estabelecidas como políticas de Estado.

É necessário desenvolver as diferentes modalidades de assistência à saúde, ou seja, reorganizar os atuais processos de trabalho. Para tanto, é preciso compreender que a saúde pública é um campo de conhecimentos e atividades multiprofissionais, cujo objetivo é promover, proteger e recuperar a saúde das pessoas e da sociedade por meio de medidas de mobilização e participação social.

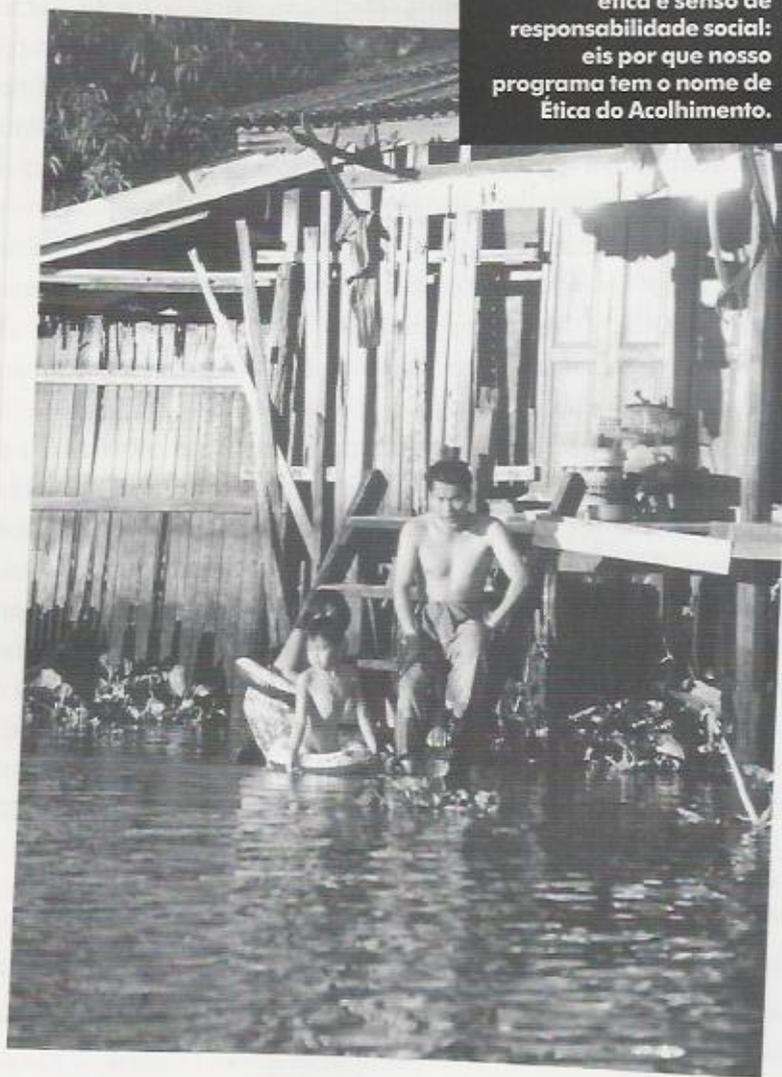
É possível, portanto, caracterizar uma estrutura em rede, composta de unidades de saúde equipadas para o trabalho a que se destinam e aptas a participar num processo de melhoria contínua. Um dos fatores básicos para essa melhoria é o bom acolhimento da população usuária por funcionários comprometidos e motivados. Será então possível criar um clima organizacional capaz de transformar as unidades em ambientes de paz, esperança e solidariedade social. A recuperação da rede de unidades de saúde faz parte da proposta de humanização do atendimento.

THOT

SUGESTÕES DE LEITURA

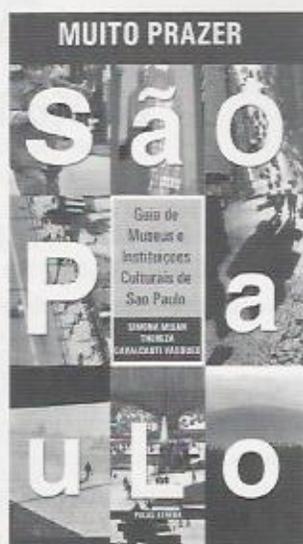
- ASSMANN, Hugo, SUNG, Jung M. *Competência e Sensibilidade Solidária: Educar para a Esperança*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MARIOTTI, Humberto. *As Paixões do Ego: Complexidade, Política e Solidariedade*. São Paulo: Palas Athena, 2000.
- MATURANA, Humberto, REZEPKA, Sima N. de. *Formação Humana e Capacitação*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____, VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- _____, VERDEN-ZÖLLER. *Amor y Juego: Fundamentos Olvidados de lo Humano. Desde el Patriarcado a la Democracia*. Santiago: Instituto de Terapia Cognitiva, 1997.
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- _____. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.
- _____, KERN, Anne B. *Terra Pátria*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d. (Há edição brasileira, da Editora Sulina.)
- MUNTHE, Axel. *O Livro de San Michele*. São Paulo: Globo, 1989.

O técnico-operacional precisa aprender a acolher o humano, para que da interação acolhedor-acolhido possa resultar um entendimento capaz de ao menos diminuir o mal-estar gerado pela unilateralidade das posturas atuais. Tomada de consciência, atitude ética e senso de responsabilidade social: eis por que nosso programa tem o nome de Ética do Acolhimento.



Lançamento Editora Palas Athena!

Muito Prazer, São Paulo!
GUIA DE MUSEUS E INSTITUIÇÕES
CULTURAIS DE SÃO PAULO
192 págs.
R\$ 20,00 (despesas de correio inclusas)



Entrar num museu é uma aventura desafiadora, que nos põe em contato com elos de criação compartilhados por gerações de artistas, cientistas ou artesãos. São espaços onde o passado continua fértil, aberto a leituras novas e no entanto guardando segredos – como teatro de sombras cujas silhuetas revelam presenças furtando-se da luz. Cada peça desperta em nós um misto de curiosidade e inquietação, pedindo silêncio para tornar-se interlocutor de um diálogo imprevisível, cujos significados se desdobram em uma procissão inacabada que nos convida a novos encontros.

Nesta última década a cidade de São Paulo está vivendo um processo de autoconhecimento. Preciosidades que ficaram eclipsadas pelo furor do desenvolvimento e do gigantismo começam a emergir: bairros inteiros estão sendo restaurados; estátuas e monumentos, devolvidos ao olhar dos transeuntes; praças e parques recuperados para o lazer coletivo; prédios históricos abertos à visitação pública; tradições regionais revitalizam costumes e festividades, promovendo convívio social e partilha de saberes.

Este Guia dos Museus da Cidade de São Paulo chega em hora mais do que oportuna. A abordagem criteriosa e pedagógica de suas autoras, Thereza Cavalcanti Vasques e Simona Misan, disponibiliza um acervo cuja riqueza e diversidade nunca estiveram presentes em uma única obra. O cuidado nas indicações de acesso por meio do transporte público é outra das magníficas contribuições que nos oferece este Guia – aliança feliz de aprendizagem e lazer.

Texto referente ao prefácio por *Lia Diskin*

Aguardem! Lançamento em breve.

DEUSES DO MÉXICO INDÍGENA

estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas

Eduardo Natalino dos Santos

O olhar ocidental sobre o pensamento indígena mesoamericano foi moldado, em parte, pelos escritos dos religiosos cristãos do século XVI. Como separar o pensamento indígena do que lhe foi atribuído pelos cristãos? Contribuindo para tal resposta, esta obra compara a maneira pela qual os deuses da Mesoamérica foram tratados nos escritos cristãos e indígenas.

EDUARDO NATALINO DOS SANTOS é doutorando em História da América na Universidade de São Paulo e bolsista da FAPESP. Atua voluntariamente como professor na Associação Palas Athena e como membro no Centro Virtual de Estudos Humanísticos.

FALSAFA - a filosofia entre os árabes

Miguel Attie Filho

O encontro do que se costumou chamar de "razão grega" com a cultura árabe, e o nascimento do Islã a partir do séc. VII d.C. proporcionou um dos períodos mais luminosos e fecundos da História da Filosofia. *Falsafo - A filosofia entre os árabes* apresenta um panorama desse período e fornece uma introdução à filosofia com nomes de destaque tais como Avicena, Averróes e Al-Farabi, os quais tiveram papel de primeira importância na formação do pensamento do Ocidente latino a partir do séc. XII d.C.

MIGUEL ATTIE FILHO é doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo e bolsista da FAPESP.

O CABREIRO TRESMALHADO

Ariano Suassuna e a universalidade da cultura

Maria Aparecida Nogueira

Nesta obra, que transita entre a sabedoria dos mitos e o conhecimento científico, o próprio Ariano Suassuna apresenta a autora, abalizando sua pesquisa sobre o universo suassuniano. Tensão entre o sonho e a realidade, *O Cabreiro* é um "caleidoscópio de vida e idéias" comprometido com a ética e a estética.

MARIA APARECIDA NOGUEIRA é professora de pós-graduação em Antropologia e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário, da Universidade Federal de Pernambuco. É doutora em Ciências Sociais pela PUC, São Paulo.

OBRAS DESTA EDITORA

Romano Guardini	A aceitação de si mesmo e As idades da vida
Heinrich Zimmer	A conquista psicológica do mal
Nagarjuna	A grinalda preciosa
Beto Hoisel	Anais de um simpósio imaginário
Humberto R. Maturana e Francisco J. Varela	A árvore do conhecimento - as bases biológicas do conhecimento humano
Mahatma Gandhi	A roca e o calmo pensar
Joseph Campbell	As máscaras de Deus
	Mitologia primitiva - vol. 1
	Mitologia oriental - vol. 2
Humberto Mariotti	As paixões do ego
Mahatma Gandhi	Autobiografia - Minha vida e minhas experiências com a verdade
Maura Baiocchi	Butoh, dança veredas d'alma
Nagarjuna	Carta a um amigo
Thich Nhat Hanh	Cultivando a mente de amor
Trad.: Nissim Cohen	Dhammapada - a senda da virtude
Edgar Morin <i>et al</i>	Ética, solidariedade e complexidade
Heinrich Zimmer	Filosofias da Índia
Ignácio da Silva Telles	Forjadores espirituais da história
Shunryu Suzuki	Mente zen, mente de principiante
Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama	Minha terra e meu povo
Heinrich Zimmer	Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia
Simona Misan e Thereza Cavalcanti Vasques	Muito prazer, São Paulo! - Guia de museus e instituições culturais de São Paulo
Jacob Needleman	O coração da filosofia
Sogyal Rinpoche	O livro tibetano do viver e do morrer
Joseph Campbell e Bill Moyers	O poder do mito
Denise Gimenez Ramos <i>et al</i>	Os animais e a psique - do simbolismo à consciência
Patricio Sciadini, OCD	San Juan de la Cruz, o poeta de Deus
Morgana Masetti	Soluções de palhaços: Transformações na realidade hospitalar
Ubiratan D'Ambrosio	Transdisciplinaridade
Olgária Matos	Vestígios - Escritos de filosofia e crítica social
Mircea Eliade	Yoga - Imortalidade e liberdade

Publicação de ensaios:

autores diversos · THOT

Co-edição - Palas Athena / EDUSP:

Henrique Murachco · Diálogo dos mortos, Luciano

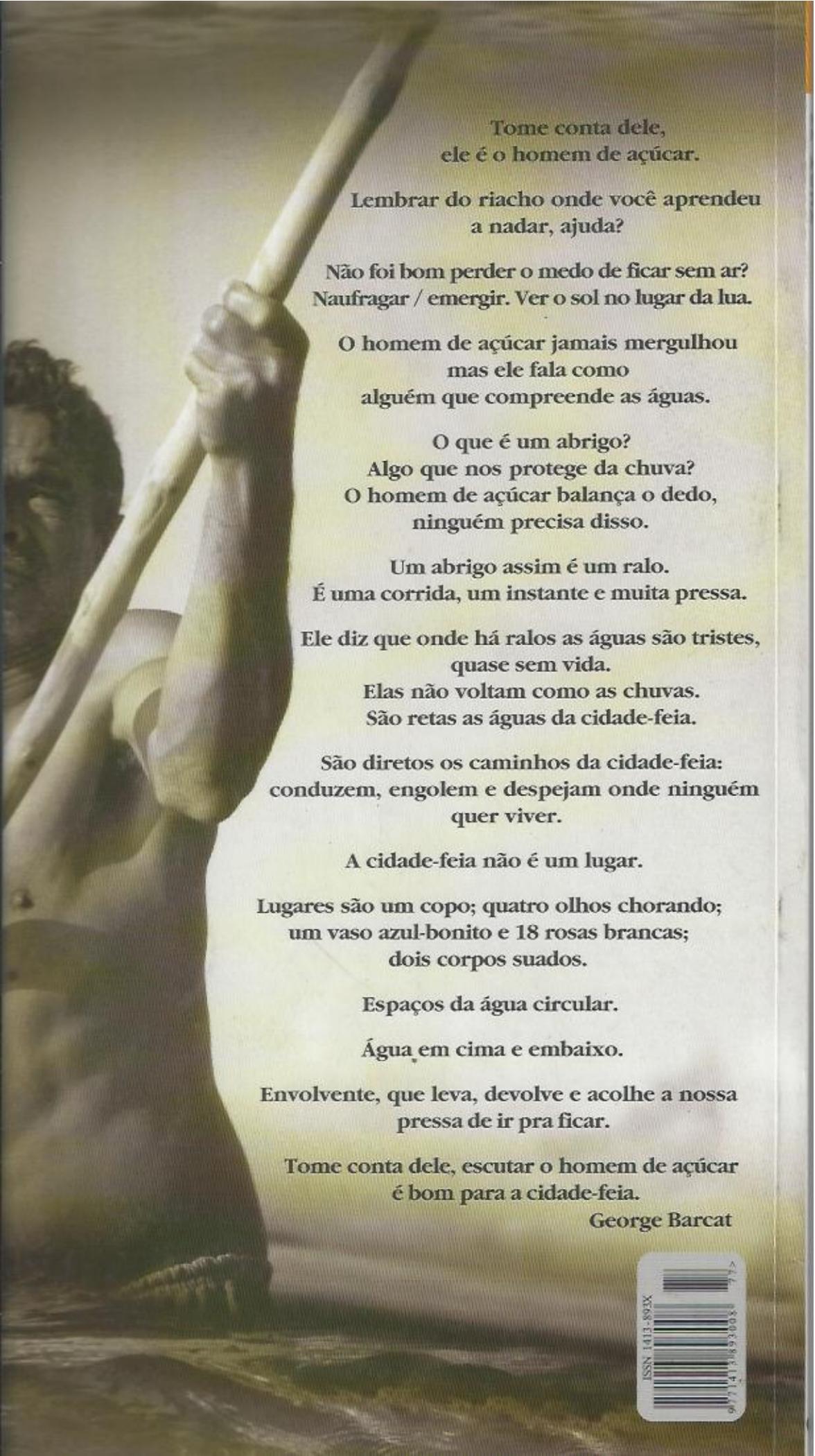
Para aquisição de nossas obras e assinatura da publicação THOT, entrar em contato com

ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - 04003-010 - São Paulo - SP

Fone: (11) 3266.6188 Fax: (11) 287.8941

www.palasathena.org



Tome conta dele,
ele é o homem de açúcar.

Lembrar do riacho onde você aprendeu
a nadar, ajuda?

Não foi bom perder o medo de ficar sem ar?
Naufragar / emergir. Ver o sol no lugar da lua.

O homem de açúcar jamais mergulhou
mas ele fala como
alguém que compreende as águas.

O que é um abrigo?
Algo que nos protege da chuva?
O homem de açúcar balança o dedo,
ninguém precisa disso.

Um abrigo assim é um ralo.
É uma corrida, um instante e muita pressa.

Ele diz que onde há ralos as águas são tristes,
quase sem vida.

Elas não voltam como as chuvas.
São retas as águas da cidade-feia.

São diretos os caminhos da cidade-feia:
conduzem, engolem e despejam onde ninguém
quer viver.

A cidade-feia não é um lugar.

Lugares são um copo; quatro olhos chorando;
um vaso azul-bonito e 18 rosas brancas;
dois corpos suados.

Espaços da água circular.

Água em cima e embaixo.

Envolvente, que leva, devolve e acolhe a nossa
pressa de ir pra ficar.

Tome conta dele, escutar o homem de açúcar
é bom para a cidade-feia.

George Barcat

